

TROPEÇANDO PELA LUZ

UMA ANTOLOGIA POÉTICA DE FRANK X. GASPAR

THE HOLYOKE

— Primeira Parte

O PORTO NO INVERNO	09
TIA JOANNA	11
LARGANDO O PICO	15
ERNESTINA, A MULHER DO SAPATEIRO	17
PENEIRANDO A PRAIA	19
CANTANDO AOS MORTOS	21
THE HOLYOKE	23

— Segunda Parte

CATEQUESE	27
COMO A ALMA ABANDONA O CORPO E ENCONTRA O SEU LUGAR NA PRESENÇA DE DEUS	31
AMAZING GRACE	33
MERGULHANDO POR DINHEIRO	35
QUEM É HANS HOFFMAN E PORQUE É QUE O MUNDO O ESTIMA?	37
ROUBANDO AMEJOAS DA LAGOA.....	39
DESCIDA	41

— Terceira Parte

COLHEITA DE GELO	45
A VELHA TERRA	47
O SEU ROSTO	49
DE PASSAGEM	51
FEVEREIRO, PAUIS	53
O LUGAR DO REPOUSO	55

ORAÇÃO PEDINDO A GRAÇA DE UMA BOA MORTE

— I. Crónica

ESTÓRIAS ANTIGAS	61
A MINHA TIA ENTRE LÍRIOS	65
ABSOLVIÇÃO	67
ATOS	69
ORAÇÃO PEDINDO A GRAÇA DE UMA BOA MORTE	71

— II. Lamentações

FOLGA	75
O AMOR É A FORÇA QUE NOS IMPELE A PROCURAR A BELEZA	

— III. Salmo

SALMO	81
HINO	85
OFERTA	87
CURANDERA	89

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS

— I. *Metrópolis*

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS	95
A ÁRVORE	97
GEORGE HERBERT	99
ÚLTIMO HINO À NOITE	101

— II. *Tatuagens na Prisão*

ENTRE OS QUADI NO RIO GRAN	107
UM CESTO LANÇADO AOS JUNCOS	109
CIDADE DE HONOKAA, O SILVO DO GECO, NOITE ALTA, SEM TELESCÓPIO	111

— III. *Este Pequeno Livro dos Dias*

VERSOS ESCRITOS CONTRA O DIA EM QUE ESTA MÃO TREMER	115
A ÚLTIMA VEZ QUE OS LILASES	117
EDUCAÇÃO PELA PEDRA	119

NOITE DOS MIL E UM REBENTOS

— *Jasmim*

HAVIA PEGADAS NO JARDIM	125
NÃO SOU UM GUARDADOR DE REBANHOS	127

— *Gabriel*

A FORMIGA	133
CASTOR, POLLUX, ALHENA, PROPUS	135
CONVIDO O ANJO GABRIEL, MAS APENAS O VENTO VEM	137

— *Verde*

UM BRAÇO E OUTRO BRAÇO	141
AS OLIVEIRAS	143

ÊXTASE TARDIO

— *Um*

JUNHO/JULHO – ONZE CADERNOS PRETOS NO <i>DESERT QUEEN MOTEL</i>	149
ENTÃO S. FRANCISCO ABENÇOOU AS CRIATURAS	151
ESTES SÃO OS ÚLTIMOS BONS DIAS DA REPÚBLICA	153

— *Dois*

ÊXTASE TARDIO	157
NESSA SEGUNDA QUE PERMANECE COM VIDA	159
CONSIGO VER O LÁPIS LAZULI	161
CERTA VEZ TROQUEI DE ROUPA COM UM MENDIGO	163
CADERNO PRETO #5, LISBOA	165
CISNES SELVAGENS	167
LAGO	169

— *Três*

CADERNO PRETO #7, <i>DESERT QUEEN MOTEL</i>	173
10 DE SETEMBRO – CADERNO PRETO, SEM NÚMERO	175

THE HOLYOKE

— *Part One*

THE HARBOUR IN WINTER
TIA JOANNA
LEAVING PICO
ERNESTINA, THE SHOEMAKER'S WIFE
BEACHCOMBING
SINGING TO THE DEAD
THE HOLYOKE

— *Part Two*

CATECHISM
HOW THE SOUL LEAVES THE BODY AND FINDS ITS PLACE IN THE PRESENCE OF GOD
AMAZING GRACE
DIVING FOR MONEY
WHO IS HANS HOFFMAN AND WHY DOES THE WORLD ESTEEM HIM?
STEALING SEED CLAMS FROM THE MARSH
DESCENT

— *Part Three*

ICE HARVEST
THE OLD COUNTRY
HIS FACE
PASSING
FEBRUARY, THE MOORS
RESTING PLACE

THE HOLYOKE

— *Primeira Parte*

O PORTO NO INVERNO
TIA JOANNA
LARGANDO O PICO
ERNESTINA, A MULHER DO SAPATEIRO
PENEIRANDO A PRAIA
CANTANDO AOS MORTOS
THE HOLYOKE

— *Segunda Parte*

CATEQUESE
COMO A ALMA ABANDONA O CORPO E ENCONTRA O SEU LUGAR NA PRESENÇA DE DEUS
AMAZING GRACE
MERGULHANDO POR DINHEIRO
QUEM É HANS HOFFMAN E PORQUE É QUE O MUNDO O ESTIMA?
ROUBANDO AMEJOAS DA LAGOA
DESCIDA

— *Terceira Parte*

COLHEITA DE GELO
A VELHA TERRA
O SEU ROSTO
DE PASSAGEM
FEVEREIRO, PAUIS
O LUGAR DO REPOUSO

— *Part One*

— *Primeira Parte*

THE HARBOUR IN WINTER

The white harbor,
a mother's story or dream
given to us as a token of loss:
nothing could ever be that way again,
nothing ever quite so good, so
cold, so white. The picture
she gave us stood hard as a mirror
ringed in a heavy arm of snow,
and they came down, she said,
from the top of Franklin Hill
on double runners past the house
and wharf and out on that great ice,
skidding halfway to the weirs,
piled two and three on their brilliant sleds.

Like so much of what we wanted,
what we believed, it never was.
The slick, white hyperbole,
the purity of all that ice and snow,
the sound of runners trembling hard
on the thick harbor, the tide's pulse
brutally still under that bright table
all came from a woman's lips,
a voice hollowed to its own beliefs.

Nothing could ever be that way,
nothing. In my last year there
the weather came down from Canada,
and the pipes froze on a night in February
I walked the harbor's edge and watched
the icy stars go out. The snow
came next, scudding white in the wharf's pale lamp,
and the harbor, harbor once
of glazed crystal, of dashing sleds,
of that woman's lilting story,
hissed under the winter sky,
swallowing light and sound.

O PORTO NO INVERNO

O porto branco,
uma estória ou sonho de uma mãe,
que nos concederam como sinal de perda:
nada podia jamais ser como era dantes,
nada podia jamais ser tão bom, tão
frio, tão branco. A imagem
que ela nos deu era firme como um espelho
argolado num pesado braço de neve,
e eles desciam, dizia ela,
do topo de Franklin Hill
nos *double runners* pela casa
e pelo cais e por aí fora sobre o grande gelo,
derrapando até meio caminho aos açudes,
dois ou três empilhados nos brilhantes trenós.

Tal como muito do que quisemos,
do que acreditamos, nunca chegou a ser.
A ágil, branca hipérbole,
a pureza de toda aquela neve e gelo,
o som dos patinadores e o seu duro tremor
naquele espesso porto, o pulso da maré
brutalmente calma sob aquela mesa luzidia
vinha tudo dos lábios de uma mulher,
uma voz descarnada até às suas crenças.

Nada podia jamais ser assim,
nada. No último ano que aí passei
o clima desceu do Canadá,
e os canos congelaram numa noite de Fevereiro.
Caminhei pelo beiral do porto e vi
as gélidas estrelas apagarem-se. A neve
veio a seguir, o branco deslizando pela pálida candeia do cais,
e o porto, porto outrora
de cristal polido, de velozes trenós,
na melodiosa estória daquela mulher,
silvava sob o céu de inverno
engolindo luz e som.

TIA JOANNA

“you are in the God and God is in you
like the fish in in the sea and the sea
is in the fish” - St. Bernadette

When she enters the church, the mind
of God, though unknowable, becomes clear
as glass to her. His glory swims over her
the way the lights of the tiny fires swim
over the cylinders of the candles,
a particular light, an infinity
of small hearts that warm the world.

Everything is gathered here under the vaults,
within these heavy doors. She can look
deeply into the still face of the Mysteries
and smell the incense, the yellow blooms
coloring the air around the Virgin’s head,
each black bead between her swollen fingers
telling lightly the rose of all her knowing.

And she knows then in the buildings solemn space,
the creak of kneelers under her legs, the blurred
murmur of voices from the far confessional,
knows with an unshaking force that loss,
bounty, her fragile joy, *all there is* flows
easily from the placid mind of God,
and she can be touched by Him, indeed,

is touched by Him continually—she
is living in His body. The soft kerchiefs
of the women, the dark cloth
of their long coats, the kale cooking
on the oilstoves in the redolent kitchens,
the checkered shirts of the husbands,
the fish they bring to the doorways when

last light is fluttering in the eaves and cornices,
everything she can imagine in such
quiet and lucid moments as this, she sees
is contained in the mystery of His consuming presence.
It is dark when she finally leaves the church.
Yellow squares of light
mark the small windows of the houses:

TIA JOANNA

“ Estamos em Deus e Deus está em nós
como os peixes no mar e o mar
nos peixes” - Santa Bernardette

Quando entra na igreja, a mente
de Deus, apesar de incógnita, torna-se clara
como vidro para ela. A Sua Glória nada sobre ela
tal como a luz dos pequenos fogos nadam
sobre os cilindros das velas,
uma luz peculiar, uma infinidade
de pequenos corações que aquecem o mundo.

Está tudo reunido aqui sob as abóbadas,
dentro das portas pesadas. Ela consegue ver
as profundezas da face inerte dos Mistérios
e cheirar o incenso, as flores amarelas
colorindo o ar em torno da cabeça da Virgem,
uma conta negra à vez entre os dedos inchados
dizendo ao de leve o rosário de toda a sua sabedoria.

E conhece então no espaço solene do edifício,
o estalar do genuflexório sob as suas pernas, o difuso
murmúrio de vozes do confessional ao longe,
ela sabe com uma inabalável força que a perda,
a bondade, a sua frágil alegria, *tudo o que há* flui
facilmente da plácida mente de Deus,
e ela pode ser tocada por Ele, de facto,

é tocada por Ele constantemente—ela
vive no Seu corpo. Os lenços macios
das mulheres, a fazenda escura
dos seus longos casacos, a couve a cozer
nos fogões a óleo das cozinhas olorosas,
as camisas xadrez dos maridos,
o peixe que trazem à porta quando

a luz derradeira treme nas calhas e cornijas,
tudo o que ela possa imaginar em
momentos tão pacatos e lúcidos como este, vê-o
contido no mistério da Sua presença consumidora.
Está escuro quando finalmente sai da igreja.
Quadrados de luz amarela
assinalam as pequenas janelas das casas:

She likes that, thinks of the host she will receive
in the morning, *His* light shining in her eyes.
But tonight still there is mackerel to pickle
with vinegar and garlic in the stone crock,
her husband's silver hair to trim, the bread
to set rising in the big china bowl
on the stool tucked close to the chimney.

Inside their house the world flattens and
constricts, the little rooms kneel to the statue
of the crucifixion, her husband sits at Christ's heels.
Tired from the boat and the day's work, he
barely greets her. His cough is growing deeper,
she thinks. She puts his scale-stuck boots
on the back steps. Go wash, she says in the old tongue.

Later, lying in the dark beside him she touches
the place where his ribs stop and the flesh is soft.
She is stunned sometimes by his softness.
He twitches in sleep, makes a sound like speech.
Shh, she whispers, and tightens her eyes.
She recalls how she has always understood
the things he cannot. She prays for him.

Gosta disso, pensa na hóstia que vai receber
de manhã. A *Sua* luz reluzindo nos olhos dela.
Mas esta noite ainda há cavala para conservar
em vinagre e alho no vaso de pedra,
o cabelo de prata do marido para aparar, deixar o
pão a crescer na grande bacia de porcelana
aconchegado sobre o banco ao lado da chaminé.

Na casa deles o mundo achata-se
e contrai, os pequenos quartos ajoelham-se perante
o crucifixo, o marido senta-se aos calcanhares de Cristo.
Agastado do barco e da jorna de trabalho,
mal a saúda. A sua tosse é cada vez mais cava,
pensa ela. Põe-lhe as galochas com escamas
nas escadas traseiras. Vai-te lavar, diz na língua antiga.

Mais tarde, deitada no escuro ao lado dele, toca-lhe
no sítio onde as costelas acabam e a carne é macia.
Por vezes ela espanta-se de tão suave que é.
Com espasmos no sono, ele faz sons como se falasse.
Shh, sussurra ela, e finca os olhos.
Lembra-se de como sempre compreendeu
as coisas que ele não. Reza por ele.

LEAVING PICO

We heard *Pico* from the kitchen
where the living sat rolling
cigarettes in their thick fingers,
their bottles of Narragansett
in front of them on the table
where they sat and said *verde*,
green, like the backs
of certain fish or the throats
of the small birds that suck
at blossoms along the white-washed
fences in late spring:
green and clay roads, they said,
and the rolling walls
brushed white with lime,
and how many trunks
in the hold of a ship,
what dishes, what cloth, how many
rosaries and candles to the Virgin,
and the prayers for the old dead
they left to sleep under the wet hills
(the green hills, and at night
light from the oil lamps
and sometimes a guitar keening
and windmills that huddled white
over the small fields of the dead)
and all the time they were
preparing themselves behind
their violet lips and heavy eyes
to sleep in this different earth
consoled only by how the moon
and tide must set themselves
pulling off to other darkness
with as little notion of returning.

LARGANDO O PICO

Pico, ouvíamos da cozinha
onde estavam os vivos enrolando
cigarros nos dedos grossos,
as garrafas de *Narragansett*
à sua frente na mesa
onde se sentavam e diziam *verde*,
em português, como os dorsos
de certos peixes ou as gargantas
dos pequenos pássaros que sugam
os botões ao longo das caiadas
cercas na primavera tardia:
ruas verdes e de barro, diziam eles,
e os muros que se enrolavam
pincelados a branco e cal,
e quantas arcas
no porão de um navio
que loiça, que fazenda, quantos
terços e velas à Virgem,
e as preces para os velhos mortos
que deixaram dormindo sob as húmidas colinas
(as verdes colinas, e à noite
luz das candeias a óleo
e por vezes uma guitarra a chorar
e um monte de moinhos brancos debruçados
sobre os pequenos campos dos mortos)
e todo este tempo estavam
a preparar-se por trás
dos lábios roxos e pálpebras pesadas
para dormir nesta terra diferente
consolando-os apenas o modo como a lua
e a maré se têm de orientar
largando para outras trevas
sem a mais pequena ideia de voltar.

ERNESTINA THE SHOEMAKER'S WIFE

"You have his eyes," she'd say to me,
and then to my old aunt, "Those are
the eyes I saw!" And she would tell again
how Saint Francis caught her in the woods
when she was a young girl. Dominic,

her husband, would never sit still
when she spoke of it, would rise slowly
from the Morris chair and go outside,
down the rows of kale and corn
to his barn, his hammers and lasts.

"He took the breath from under my heart,"
she said, her thin fingers crooked at her breast.
"It was not what you think, He was a power,
a beast. And the rain came down, and he held
me there, my dress sticking, my body showing."

When I wanted to wander out the door
and sit among the sharp-smelling *hervas*
in her garden, they let me go
and kept talking behind curtains
that breathed in and out in the slow air,

and they prayed the Rosary together,
droning through the Mysteries. "Don't cross her,"
is what my mother said. "She's a *bruxa*
and can give you the evil eye herself."
"That kind of talk is foolish," said my aunt.

Whenever we left, my aunt would take
my arms and lean to me—"Remember
that she is only talking about a dream!"
But I remembered Dominic's hammering like a bell,
and how she said even the wet trees shivered.

ERNESTINA, A MULHER DO SAPATEIRO

“Tens os olhos dele” dizia-me ela,
e depois à minha velha tia, “Aqueles são
os olhos que eu vi!” E contava outra vez
como S. Fancisco a apanhou na floresta
ainda uma rapariga nova. Dominic,

o seu marido, não parava quieto
quando ela falava naquilo, erguia-se devagar
da cadeira *Morris* e ia lá fora,
descia pelos carreiros de couves e milho
até ao *barn*, aos seus martelos e formas.

“Tirou-me o ar de debaixo do coração,”
dizia ela, os finos dedos retorcidos no peito.
“Não foi o que pensas, Ele era uma força,
um animal. E caía chuva, e ele segurava-me
ali, o vestido colado, o meu corpo à mostra”.

Quando eu queria vaguear porta fora
e sentar-me no intenso cheiro das ervas
no seu quintal, deixavam-me ir
e continuavam a conversar atrás das cortinas
que inspiravam e expiravam o ar vagaroso,

e rezavam todas juntas o Rosário,
sussurrando pelos Mistérios. “Não a arrelies,”
dizia a minha mãe. “É bruxa
e pode lançar-te um mau olhado”.
“Essa conversa é *foolish*,” dizia a minha tia.

Quando íamos embora, a tia pegava-me
nos braços e inclinava-se para mim —“Lembra-te
que ela fala apenas de um sonho!”
Mas eu lembrava-me do martelar do Dominic como um sino,
e de ela a dizer que até mesmo as húmidas árvores tremiam.

BEACHCOMBING

We follow him on the beach,
slack tide, winter, no one
has begun to die yet. The salt-
rimmed heels of his workboots sink
into the wet sand. His step
is careful as he hunches over,
eyes the cold rubble. Our hands
are cold, fingers balled in our pockets
Here, he says, stoops, pulls out a coin
from the darkness of shell and pebble,
an Indian Head growing green. My
brother takes it from his hand,
turns it quickly in his own stiff fingers,
gives it back. I find nothing
on these walks. The heaped flotsam
crackles under my wet shoes: skate eggs,
straw, squares of tarred net, bits of glass,
the dark scoops of mussel shells, pieces
of red brick smoothed by tide
trailing the bulbous seaweed that
on warmer days we squeeze and pop.
The wind can cut. He doesn't
feel it. He can find a mound
of rust that is a key, a square bottle
whole with letters on it, pieces
of clay pipes the old Yankees smoked
before our people ever came here
His remarkable eyes. He can see
into another time when no one
has begun to die yet, kicks
at a piece of coal shining in a slick rill,
tells us how his old father made him
comb the beach for coal as a boy,
carry it home in a sack to dry
and burn. *You boys today*, he says.
He doesn't finish, stoops again
and picks up a pipe stem, white as bone,
holds it to the wind until
it whistles. *Do this just right
and the old dead men will talk to you*
I wipe my nose
on the edge of my coatsleeve.
I can never tell when
he means what he is saying.

PENEIRANDO A PRAIA

Seguimo-lo pela praia,
 reponto de maré, inverno, ainda
 ninguém começou a morrer. As solas
 das sua botas de trabalho, debruadas de sal,
 afundam-se na areia molhada. O seu passo
 é cuidadoso enquanto se curva,
 olhos no cascalho frio. As nossas mãos
 estão frias, os dedos numa bola dentro dos bolsos.
Aqui, diz ele, dobra-se, tira uma moeda
 da escuridão de conchas e seixos,
 uma Cabeça de Índio¹ com verdete. O meu
 irmão tira-lha da mão,
 vira-a rápido nos seus dedos hirtos,
 devolve-a. Eu não encontro nada
 nestas caminhadas. O monte de destroços
 estala sob os meus sapatos molhados: ovas de raia,
 palha, malhas de rede alcatroada, pedaços de vidro,
 as escuras conchas combas do mexilhão, bocados
 de tijolo vermelho amaciados pela maré
 arrastando as algas bolbosas que em dias
 mais quentes apertamos e fazemos estourar.
 O vento é capaz de cortar. Ele não
 o sente. Consegue encontrar um monte
 de ferrugem que é uma chave, uma garrafa inteira
 quadrada com letras cravadas, pedaços
 de cachimbos de barro que os velhos *Yankees* fumavam
 ainda antes do nosso povo cá ter chegado.
 Os seus extraordinários olhos. Consegue ver
 para um outro tempo em que ainda ninguém
 começou a morrer, dá um pontapé
 num bocado de carvão a brilhar num regato veloz,
 conta-nos como o seu velho pai o obrigava
 a peneirar a praia por carvão quando era miúdo,
 levá-lo para casa num saco para secar
 e queimar. *Vocês rapazes hoje em dia*, diz.
 Não acaba, inclina-se de novo
 e pega numa haste de cachimbo, branca como osso,
 segura-a ao vento até que
 assobia. *Façam isto bem feito*
que os velhos mortos falarão convosco
 Limpo o nariz
 à ponta da manga do casaco
 Nunca sei quando
 aquilo que diz é mesmo a sério.

¹ Tradução de *Indian Head*, moeda de um cêntimo que foi produzida pela United States Mint entre 1859 e 1909.

SINGING TO THE DEAD

Once we saw the moon casting
its cold rainbow in the blowing spray,
and then we knew about the dead walking,

how they can be coaxed to rise
in such light and glow like pearl,
through they are not concerned with us—

how could they be?
We huddle in the warm coffins
of our bodies and hug the rock

that breaks the sea, the rock
in which they sleep, but they
are bound by nothing, can float

under the moon, can whisper secrets
through the damp breast of the stone.
They can tell us what we need to know

and so we sing what we remember:
Come up, we sing,
Come out of the rock.

CANTANDO AOS MORTOS

Certa vez vimos a lua lançar
o seu frio arco-íris nos borrifos ao vento,
e então soubemos do andar dos mortos.

como se podem convencer a erger-se
nesta luz e a brilhar como pérolas,
embora não se preocupem connosco -

como poderiam eles preocupar-se?
Aninhamo-nos nos caixões quentes
dos nossos corpos e abraçamos a pedra

que quebra o mar, a pedra
dentro da qual dormem, mas eles, sem
estarem presos a nada, podem flutuar

sob a lua, podem murmurar segredos
pelo húmido peito de rocha.
Podem dizer-nos aquilo que precisamos de saber

e por isso cantamos aquilo que nos lembramos:
Ergam-se, cantamos
Ergam-se para fora da pedra.

THE HOLYOKE

The raised iron letters,
those two words stamped in an arc
on that old water-heater in the bathroom,
The Holyoke,
are the first symbols I ever unraveled,
my great-uncle telling me their sound,
pulling the e in The out long
like the whistle of a teakettle.

The heater didn't work.
We heated our water stovetop
in a copper tub, unremarkable,
but a fact I cling to
as I cling to the quality of light
that seemed always spread
over the tight sidewalk along the house,
a winter gray, old ice, coal ash,
the film over my great-uncle's eye.

When my great-uncle died
his pension stopped coming.
That was the bad time.
Some while after that I got curious
I opened the arched door
of the old heater
and stared at a helix of coils
thick with dust.
I spent the day there
on the bathroom floor,
measuring my way to the heart of the thing,
turning pipes,
reaming fixtures with an old coathanger.

When I was through, I filled the kerosene bottle
and lighted the wick.
Dusk came on, and that flat light
hung in the square window.
When I opened the faucet, water came,
staccato, brown, warm as flesh.

THE HOLYOKE

As letras de ferro em relevo,
duas palavras timbradas em arco
na velha caldeira no quarto de banho,
The Holyoke,
são os primeiros símbolos que alguma vez desvendei
o meu tio-avô dizendo-me os seus sons,
expirando um longo “e” no *The*
tal como o assobio de uma chaleira.

A caldeira não funcionava.
aquecíamos a água no fogão
numa tina de cobre, nada de especial,
mas um facto a que me apego
como me apego à qualidade da luz
que parecia sempre derramada
sobre o apertado passeio ao longo da casa,
um cinza invernal, gelo antigo, brasa de carvão,
a película sobre o olho do meu tio-avô.

Quando o meu tio-avô morreu
a sua pensão deixou de chegar.
Esses foram os tempos negros.
Pouco depois fiquei curioso.
Abri a porta arqueada
da velha caldeira
e fitei uma serpentina em espiral
inchada de poeira
Passei o lá o dia
no chão do quarto de banho,
medindo o caminho até ao coração da coisa,
revirando tubos,
remexendo peças com um velho cabide.

Quando acabei, enchi a garrafa de petróleo
e acendi o pavio
Descia o crepúsculo, e a rasa luz
pendia na janela quadrada.
Quando abri a torneira, caiu água,
Staccato, castanha, quente como carne.

— *Part Two*

— *Segunda Parte*

CATECHISM

We recite our way to heaven,
obedience, faith, grace, the words
from the blue book in the priest's hands,
our heads, turning the spring light
from his grave eyes to the windows where
yellow birds rise and the lilacs
come swelling up from dark wood.
All things are raised up
in His light, the priest says,
and we after him, *All things
are raised up in His light.*

Down the long hill after,
we cut through Baumgartner's woods
where green already hangs
like satin in the wet air.
We are told a soul lives
in each of us—in me,
in Jaime Duarte, Correro, Santos:
something luminous, yet you cannot
see it, as you cannot see God
the Father but only His works:
ourselves, the earth, the sky.

Santos breaks off, runs
behind a tree, begins a hail
of torn moss. Our school clothes
blossom with smudges. We fire
clods back at him, fan out
along the bog where we come
with strainers in early summer
to scoop black tadpoles from the water.
When we surround the tree
he comes running, trips on a root.
His knees furrow the soft ground.

We roll on him, pin him
to the earth, begin filling
his shirt and pants
with leaves and dirt. He twists
and swears as our hands
rub up into the warmth
under his clothes, feel the damp
grit rough his smooth skin
He laughs, screams he will fuck us
for this, and then we are all up
and running down the snaking path to town,

CATEQUESE

Recitamos o nosso caminho para o céu,
obediência, fé, graça, as palavras
do livro azul nas mãos do padre,
as nossas cabeças rodando na luz da primavera
dos graves olhos dele para as janelas onde
singram pássaros amarelos e os lilases
irrompem da escura madeira.
Todas as coisas se elevam
na Sua luz, diz o padre,
e nós repetimos, *Todas as coisas
se elevam na Sua luz.*

Depois pela longa colina abaixo,
cortamos pela mata do Baumgartner
onde o verde já pende
como cetim no ar húmido.
Dizem-nos que vive uma alma
em cada um de nós—em mim,
no Jaime Duarte, no Correro, no Santos:
algo luminoso, todavia não
a vemos, tal como não podemos ver Deus
Pai, mas somente a Sua obra:
nós, a terra, o céu.

O Santos arranca, corre para trás
de uma árvore, começa um dilúvio
de fiapos de musgo. Da roupa da escola
brotam nódoas. Atiramos-lhe
torrões de volta, espalhamo-nos
pelo paul para onde vamos
com coadores no início do verão
apanhar sapos negros da água.
Ao cercarmos a árvore
ele vem a correr, tropeça numa raíz.
Os seus joelhos vincam o solo macio.

Rolamos para cima dele, prendemo-lo
à terra, começamos a encher
a sua camisa e calças
com folhas e lixo. Ele contorce-se
e pragueja enquanto as nossas mãos
o esfregam até ao calor
por baixo da roupa, sentem o cascalho
molhado a encrespar a sua pele macia.
Ele ri-se, grita que nos vai lixar
por isto, e depois levantamo-nos todos
e corremos pelo trilho sinuoso até à vila.

Coming out in Baumgartner's yard,
the green junk of an old car,
bottles, wire, his woodpile,
the house lost in a dream of brambles
and wild grapevine. Old man sits
on the porch in his long coat,
curses us, spits on his stair
as we run past, some constant thing
in each of us longing to escape,
glow with grace, our faces
flushing with light when it rises up.

Sáimos pelo quintal do Baumgartner,
a sucata verde de um carro velho,
garrafas, arame, a sua pilha de lenha,
a casa perdida num sonho de amoras
e vinha brava. Sentado no alpendre
o velho amaldiçoa-nos, cospe na escada
ao passarmos por ele, algo invariável
em nós a querer fugir,
irradiar com graça, as nossas faces
coradas com a luz quando se eleva.

**HOW THE SOUL LEAVES THE BODY AND FINDS
ITS PLACE IN THE PRESENCE OF GOD**

Only the bravest try it, reaching
out over the highest poles of the trestle,
only at the highest tide, only
when the hoist has stopped
hauling up the heavy buckets for the day.
The rest of us watch from below,
lined on the pilings like skinny gulls.
Then Viegas does it, a leap, the air
shrieks with it, his body falls
in stiff and awkward grace, whacks
into the water by our heels.
We count slowly, watch the foam
until he bursts up, blows the water,
shakes his hair into a wreath, the sunlight
blazing white around his face.
He will die the following summer
stealing a Skippy jar full of whisky
and reeling drunk in front of headlights
out on Route Six
We will see his father grieve
for weeks flying the torn shirt
of his lost boy from the mizzen
of dragger while the crew
grumbles bad luck.
In catechism the priest says
the soul lives forever, rises up.
His hands are white and soft,
his eyes deep shadows
We are restless in our metal chairs,
hot, July, a warm tide
swelling in the harbour.

COMO A ALMA ABANDONA O CORPO E ENCONTRA O SEU LUGAR NA PRESENÇA DE DEUS

Apenas os corajosos tentam, esticando-se
por cima dos postes mais altos da estrutura,
apenas na maré mais alta, apenas
quando a grua já terminou de
içar os pesados baldes do dia.
O resto de nós observa de baixo,
alinhados nos pilares como gaivotas descarnadas.
E então o Viegas consegue-o, um salto, o ar
chia com ele, o seu corpo cai
numa graça tensa e esquisita, choca
na água aos nossos pés.
Contamos devagar, observamos a espuma
até o ver rebentar, sopra água,
sacode a cabeça até ser uma grinalda, a luz
branca e incandescente do sol em torno da sua face.
Ele morrerá no verão seguinte
a roubar um boião cheio de *whisky*
e a cambalear bêbedo diante dos faróis
na *Route Six*.
Veremos o seu pai de luto
durante semanas fazendo esvoaçar a camisa rasgada
do filho morto na mezena
do seu pesqueiro enquanto a tripulação
resmungá má sorte.
Na catequese o padre diz
que a alma vive para sempre, eleva-se.
As suas mãos são brancas e macias,
os olhos sombras fundas.
Inquietamo-nos nas cadeiras de metal,
quente, julho, uma maré cálida
crescendo no porto.

AMAZING GRACE

And we learned about Jesus,
how they rolled the stone away
to find him gone, the Holy Ghost,
how sweet the sound of the priest's
quiet words pointing out
something simple about absence
that would take me years to understand.
I cradled my small mother
in my arms once. Once
when she was weeping so openly
and now I can't remember why.
My bones were soft from travel
on water, and I paced the rooms
and no room showed me the way back out.
I felt her shoulders,
how they had grown smaller,
and the soft flesh around them,
and I saw that this was a life
separate from my own, from my memory
of what a life was. Blue flies
gathered on the warm glass of the windows,
buzzed and rose in the oracular light.
When you are living completely in one moment,
you are alive in no other.

AMAZING GRACE

E aprendemos sobre Jesus,
como eles rolaram a pedra
para descobrirem que desaparecera,
o Espírito Santo,
que doce o som das palavras
tranquilas do padre revelando
algo simples sobre a ausência
que me levaria anos a perceber.
Embalei a minha mãezinha
nos braços uma vez. Uma vez
quando chorava tão abertamente
e agora nem me lembro porquê.
Eu tinha os ossos macios de viajar
sobre a água, e andei pelos quartos
mas nenhum quarto me mostrou
como voltar a sair.
Senti os seus ombros,
como tinham minguado,
e a carne macia envolvendo-os,
e vi que esta era uma vida
separada da minha, da minha memória
do que era uma vida. Varejeiras azuis
reuniam-se no vidro quente das janelas,
zumbiam e subiam na luz oracular.
Quando vivemos absolutamente um momento,
não estamos vivos em mais nenhum.

DIVING FOR MONEY

The coin cuts
the air and leaves
its fast trace of light.

You must never move
your eyes from it:
thrash with your hands,
your feet, watch

how it enters among
the grains of sunlight
splashing on the flat water.

The water pushes you up,
the air in your lungs
makes you fly
here in this green world
you fight to stay down.

Your hair rises like the soft weeds,
your hands cup
in rigid prayer,
your heart falls to your throat
and sings, *Breathe*,

as the thing touches your skin
and your fingers close
around it.

How the surface is like
a perfect sky
when seen from here,
how you rise to it
on your beating legs.

Over and over
it is all there for you,
all you could ever want:

They reach into their pockets
and stars fall around you.
You scoop them from the world
while the quiet longing

comes to you, aching deep
in the lobes of your chest

MERGULHANDO POR DINHEIRO

A moeda corta
o ar e as folhas
o rápido rasto de luz.

Não tires nunca
os olhos dela:
dá aos braços,
e aos pés, observa

como entra pelos
grãos de luz do sol
salpicando a água lisa.

A água empurra-te para cima,
o ar nos pulmões
faz-te voar
aqui neste mundo verde
lutas para ficar em baixo.

O cabelo eleva-se como algas tenras
as mãos em concha
numa rigorosa prece
o coração cai para a garganta
e canta, *Respira*,

e a coisa toca-te na pele
e os teus dedos fecham-se
à volta dela.

Como parece a superfície
um céu perfeito
quando vista daqui,
como sobes para lá
com as pernas a bater.

Uma e outra vez
está tudo lá para ti,
tudo o que podias querer:

Elas metem-se nos teus bolsos
e à tua volta as estrelas caem.
Colhe-las do mundo
enquanto aquela muda ânsia

chega até ti, doendo fundo
nos lobos do teu peito.

**WHO IS HANS HOFFMAN
AND WHY DOES THE WORLD ESTEEM HIM?**

So we entered the rooms of the Outsider
 who came each summer with his rent money
 that would buy a family's winter heat,

And someone struck a match
 and then another, but there was nothing
 to steal in this littered place

But canvas and wood and paint
 and tools too strange for any touch
 of ours, except one knife.

Somehow a man's dream
 came forth in green and brutal red,
 opaque squares of yellow, rectangles of blue.

It was something from another world
 and so we stroked it back to ours—
 ribbons and garlands
 and the jagged, blossoming mouths.

**QUEM É HANS HOFFMAN
E PORQUE É QUE O MUNDO O ESTIMA?**

E então entrámos nos quartos do Forasteiro
que vinha todos os verões com o dinheiro da renda
que pagava o calor de uma família no inverno

E alguém riscou um fósforo
e a seguir outro, mas não havia nada
para roubar neste sítio cheio de lixo

Senão telas e madeira e tinta
e ferramentas demasiado estranhas ao toque
de qualquer um de nós, exceto uma faca.

De algum modo, o sonho de um homem
jorrava em tons de verde e vermelho brutal,
quadrados amarelos opacos, retângulos de azul.

Era uma coisa de um outro mundo
e então golpeámo-lo à medida do nosso –
fitas e grinaldas
e as bocas rasgadas a florescer.

STEALING SEED CLAMS FROM THE MARSH

With no light in the sky, I'd feel
my way along the tangled runs
at a dead low tide until
I'd find a bar at first graying
pocked with the tell-tale holes.

I'd rake easy so as not to crush
the fragile shells. They turned
up like corpulent jewels
swathed in their own light, sighed
wetly in the gulf of my hands
as I put them by twos and threes
into the damp and musty burlap.

It was never just for the money
but for the chance of something else,
that sacred hush that we can divine
in anything—as when my cold feet left
glowing prints, white fire sloughing
in the sand behind me, and 1 thought
only ahead to the warm car, coffee later
at the restaurant where old Howard
would mumble that I'd broken
too many shells again, wink,
give me my seven dollars.

And turning down the last big bend
curving south by a straw-choked flat,
a blind of grass exploded
and the huge bird rose up on wings
long as a man, its black legs trailing,
its neck thrust out, skimming
the bare clumps of grass
out to the shale-dark gray in the west
where it diminished under each
broad beat of wing and left me
shivering, alone on that
silent lip of the earth.

ROUBANDO AMEJOAS DA LAGOA

Sem luz no céu, apalpava
caminho pelos trilhos emaranhados
de uma maré baixíssima até
encontrar um aluvião ao primeiro cinza da aurora
borbulhado de cavidades reveladoras.

Raspava devagar para não partir
as frágeis conchas. Voltavam-se
para cima como jóias corpulentas
envoltas numa luz própria, suspiravam
encharcadas no golfo das minhas mãos
para as meter duas ou três de cada vez,
dentro da húmida e bafienta sarapilheira.

Não foi nunca pelo dinheiro
mas pela hipótese de algo diferente,
aquele silêncio sagrado que se pode profetizar
em tudo – como quando os meus pés frios deixavam
marcas luminosas, fogo branco a enterrar-se
na areia atrás de mim, e eu só pensava
adiante para o carro quente, café mais tarde
no restaurante onde o velho Howard
havia de resmungar por ter partido
demasiadas conchas de novo, piscar
o olho, dar-me os meus sete dólares.

E ao dobrar a última grande curva
virando a sul pela planície sufocada de palha
uma cortina de erva explodia
e a enorme ave erguia-se com asas tão
grandes como um homem, patas negras ao arrasto,
o impulso do pescoço dela, a deslizar
roçando as calvas bossas de ervas
até ao cinza xistoso e escuro a poente
onde diminuía a cada
imenso bater de asa e deixava-me
a tremer, sozinho naquele
silente lábio da terra.

DESCENT

We dive at the breakwater
when the tide is right,
the currents outbound, the water
low in the deep cuts and channels
In the murk we hunt eel
and tautog and perch,
holding our breath
with a stitch in our lungs
Going down 1 remember
once seeing the other depths,
the outer harbor, over
the side of Carvalho's skiff,
the look of mooring lines
falling off in their perfect curves,
descending, grass-covered,
to where the sunlight weakened
and lay down in a green dusk.
But here the light lies differently
among the deep rocks of the jetty,
and we push into the mottled shadows
and the pressure's heavy hug:
We kick against the current that sends
the long fingers of moss
writhing out from the rocks, in one hand
the spear, homemade and clumsy,
the other hand finding
a nub of rock, holding us still,
breath back, stalking, becoming
the rocks, the streaming weeds,
the fish we've come to turn to prey,
thinking how we could stay here, under,
forget to rise, a kind of sleep,
remembering how Jonah slept
in the belly of a fish, remembering
how we learned to sing into our own ears
to ensure our waking.

DESCIDA

Mergulhamos na quebra-mar
com a maré de feição,
as correntes de largada, a água
rasa nos profundos fossos e canais.
Caçamos enguias na penumbra
e bodiões-de-ostras e percas,
contendo a respiração
com uma costura nos pulmões.
Lembro-me ao descer
de ter visto as outras profundezas,
ao largo do porto, sobre
o bordo do bote do Carvalho,
o vislumbre das amarras
caídas nas suas perfeitas curvaturas,
descendo, cobertas de erva,
até onde definhava a luz do sol
e se deitava num crepúsculo verde.
Mas aqui a luz repousa de maneira diferente
entre as profundas rochas do molhe,
e impelimo-nos para as sombras pintalgadas
e para o pesado abraço da pressão:
Pontapeamos a corrente que nos envia
os longos dedos de musgo
retorcendo-se das rochas, uma mão
com a lança, artesanal e tosca,
a outra mão em busca
de nodos de pedra, mantém-nos quietos,
retraído fôlego, à socapa, tornamo-nos
rocha, correntes de algas,
os peixes que viemos transformar em presa,
a pensar como continuamos aqui, debaixo,
a esquecer de subir, uma espécie de sono,
lembrando como Jonas dormiu
na barriga de um peixe, lembrando
como aprendemos a cantar para os nossos ouvidos
para garantir o nosso despertar.

— *Part Three*

— *Terceira Parte*

ICE HARVEST

I know little
about that cutting season
of gray silence
when the men, my mother's
favorite uncle William among them,
walked out on the deep
brindled ice with their long-
handled saws and dark
hooks that curved
like the necks of winter geese,
for my mother was only the girl
in the corner of the photograph,
a thin-faced kid, bundled
in kerchief and coat,
frozen stiff-shouldered,
the look of all the rest
of her life in her eyes.
But I knew the pond
in another time, the old
icehouse a crumbling ruin,
its deep vaults open
to the indifferent sky,
and the bridge like a rib-
cage bleaching, collapsed
in the oily shallows
where the moustached crews
once scored and cut the heavy blocks,
packed them in brown straw
and laid them in the earth:
their ghosts were still learning
the comforts of nothingness—they
never bothered us as we cut
around the blue edges
on our battered skates, our breath
pale shavings in the afternoon sun.
Coming back now it is all gone,
a line of blacktop
curling down a proper lane
of trimmed shrubs, worth going
only so far, to one bend
where a presence comes up, light
lodging in yellow reeds,
and someone's memory—not my own—
of ice in buried darkness whispering
its dissolution, or the even faces
of strangers squinting in the pinched
glow of a dead winter.

COLHEITA DE GELO

Pouco sei
daquela estação cortante
do silêncio cinza
em que os homens, entre eles William,
o tio favorito da minha mãe,
saíam para o profundo
raiado gelo com as suas serras
de cabo longo e ganchos
escuros que se curvavam
como pescoços de gansos de inverno,
pois a minha mãe era apenas a menina
ao canto da fotografia,
uma miúda de cara fina, embrulhada
num lenço e casaco,
de ombros hirtos como gelo,
com olhos de todo o resto
da vida à sua frente.
Mas eu conheci o lago
noutro tempo, a velha
icehouse em ruínas,
as câmaras fundas abertas
ao céu indiferente,
e a ponte como uma caixa
torácica a descorar, caída
no óleo da maré rasa
onde a tripulação de bigode
raspava e cortava os pesados blocos,
envolvia-os em palha castanha
e deitava-os na terra:
os seus fantasmas aprendiam ainda
os consolos da vacuidade—jamais nos
incomodavam enquanto golpeávamos
em torno dos gumes azuis
sobre patins empanados, respirando
claras limalhas no sol da tarde.
Agora ao voltar tudo se foi,
uma linha de asfalto negro
serpenteia por uma composta azinhaga
de arbustos podados, que só vale a pena
seguir até certo ponto, a uma curva
onde emerge uma presença, luz
abrigada em caniçais amarelos,
e a memória de alguém – não a minha -
de gelo nas sepultas trevas sussurrando
a sua dissolução, ou as caras iguais
dos estrangeiros semicerrando os olhos
ao retesado rubor
de um morto inverno.

THE OLD COUNTRY

My mother would never sweep at night,
would never let us sweep. The broom
rustling, she said, would bring the dead up.
There was a dance to make you shiver
on the kitchens rotten linoleum.

I saw her cry out once in rage and grief,
pour lighter fluid from the can,
a stream like piss, emptying
her life on the floor. *I'll burn
this God-damned house down. We never came
from the old country to live like this.*

We meant not ourselves but the *os velhos*,
that lean boat from *Pico*.
My stepfather could not calm her
and found his own rage, knowing somehow
that he had been beaten. He kicked her shins
and refused to weep as we did.

This was a house making its own ghosts.
You learn someday to lie
with your head pressed down,
to roll their old names in your hands,
the cool floor's grit on your cheek,

to call up their old country we only knew
in stories. The voices of the dead
are never what you expect, distant thunder
in the low hills, the dog's howl
at the far end of town, silence.

And this old country is any place
we have to leave. The voices
calling us back are dust.
I have traveled to the far edge
of a country now, fearing the dead.
They still want to speak with my mouth.

A VELHA TERRA

A minha mãe nunca varria à noite,
nunca nos deixava varrer. A vassoura
a restolhar, dizia, traz os mortos ao de cima.
Havia uma dança para nos fazer tremer
no linóleo podre da cozinha.

Uma vez vi-a gritar de raiva e dor,
a verter um fluído mais claro de uma lata,
um jacto como mijó, esvaziando
a vida dela ali no chão. *Hei de queimar
esta "God-dammed" casa toda. Não viemos
da velha terra para viver assim.*

Não queríamos dizer nós, mas sim *os velhos*,
aquele delgado barco do Pico
O meu padrasto não a conseguiu acalmar
e encontrou sua própria raiva, sabendo-se
de certa forma derrotado. Pontapeou-lhe as canelas
e recusou chorar como nós.

Era uma casa a criar os seus fantasmas.
Um dia vais aprender a deitares-te
com a cabeça contra o soalho,
a enrolar os nomes deles nas mãos,
a grita fresca do chão na cara,

a evocar a velha terra deles que apenas
conheces das estórias. As vozes dos mortos
nunca são o que esperamos, trovoada distante
nas baixas montanhas, o uivo do cão
na outra ponta da cidade, silêncio.

E esta velha terra é qualquer sítio
que precisemos de deixar. As vozes
que te chamam de volta são pó.
Viajei então para o mais longínquo
extremo de um país, temendo os mortos.
Ainda querem falar com a minha boca.

HIS FACE

His face comes up in dreams sometimes,
a sweet moon blanched of ali its poisons,
an artifact I try to bring back with me
pursed in my little hands,

or else he is a dark-hatted dancer
in another dream, a dream of rivers,
tall houses, and birds rising
in pale light above a knot of dancing people.

One night I woke to moonlight
on the bare quilt, moonlight
pinioned on the long walls
as faceless as the dead, and though

he'd lived in me a while, I cupped my hands
and light spilled through like water.

O SEU ROSTO

O seu rosto surge-me por vezes em sonhos,
uma doce lua branqueada de todos os venenos,
um artefacto que tento trazer de volta comigo
embolsado nas minhas pequenas mãos,

ou então ele é um bailarino de chapéu escuro
num outro sonho, um sonho de rios,
casas altas, e pássaros a subir
na pálida luz acima de um nó de pessoas a dançar.

Uma noite acordei para o luar
na colcha nua, luar
pendurado nas longas paredes

sem rosto, tal como os mortos, e apesar
de ele ter vivido em mim algum tempo, uni as mãos em concha
e luz escorreu por elas como água.

PASSING

Today on my front lawn
four young girls stop without seeing me
to shout and play
in some small interruption
of their passing down the street.
Two of them already have small breasts
beneath their shirts, mild buds
they do not seem to care about
or even want this afternoon.
They stop to do cartwheels on my grass.
The tallest one, in a skirt, looks down
the sidewalk and seeing no one
tumbles, all legs and underpants.
When she whirls, she breaks
the daylight apart, and her friends
find that they must shriek
in this much joy. They somersault
until they make the green earth spin,
but this older one, their leader, this plain
girl who holds her face grave, distant
as some heavenly body, eyes fixed
on some far-off point the others
cannot see, cartwheels
into an awkward split, the sunlight
showing through to the small dark hand
blossoming beneath her pink nylon.
She rolls to her round knees
In a moment something passes over her face:
It is like the light she has found here
in the dapples on the grass, and she
skips away with it as the others
skip behind. But scarcely past
the white driveway she slows,
walks, and this light leaves her
and comes fluttering back to my lawn,
left flattened now from the simple
crush of their small bodies.

DE PASSAGEM

Hoje na relva em frente à casa
quatro jovens raparigas pararam sem me ver
para gritar e brincar
numa pequena interrupção
da sua passagem pela rua abaixo.
Duas delas já têm maminhas
por baixo das blusas, tenros botões
pelos quais não se deixam incomodar
nem querem, nesta tarde.
Param para fazer rodas na minha relva.
A mais alta, de saia, olha pelo
passeio abaixo e ao não ver ninguém
tomba, pernas e cuecas por todo o lado.
Quando rodopia, estilhaça
a luz do dia, e as suas amigas
acham que têm de guinchar
nesta imensa alegria. Cabriolam
até fazerem a verde terra girar,
mas a mais velha, a líder, esta simples
rapariga que mantém a face séria, distante
como um corpo celeste, de olhos fixos
num ponto longínquo qualquer que as outras
não conseguem ver, faz uma roda
para uma desajeitada espargata, a luz do sol
espreita através da sua pequena e escura mão
florescendo sob o nylon cor de rosa.
Rebola para os joelhos redondos.
Por um instante, algo lhe passa diante do rosto:
É como a luz que encontrou aqui
nas manchas oceladas da erva, e ela
sai saltitando com a luz enquanto as outras
saltitam atrás. Mas mal passam
a entrada branca ela abranda,
caminha, e esta luz abandona-a
e vem esvoaçando de volta ao meu jardim,
agora achatada pelo simples
baque dos seus pequenos corpos.

FEBRUARY, THE MOORS

Although I'll never know this marsh entirely,
all that assembles under the ice
of this winter moon, the reaches
where the mud heaves the methane up,
its warrens of reeds, the whistle
of the wild ducks beating down
the long curve out to sea,

I can return here
and believe I understand something else,
something about journey and distance,
how on that other coast, in my wife's belly
a stranger is called forth and moves,
nameless yet, through water and darkness.

This is how it must be simply:

Because I loved a person in a certain way,
nothing happened,

or because I loved a person in a certain way,
someone fell from sleep, far off.

And there is Venus rising in the night
and scattering in the wind-ruff on the tide.
And the other stars I know
and the stars I can't name

are lying down on the water
in cold ribbons of light
simply because they do.

FEVEREIRO, PAUIS

Embora nunca venha a conhecer bem este paúl,
tudo o que se acumula sob o gelo
desta lua de inverno, as extensões
onde a lama levanta o metano,
os seus viveiros de juncos, o assobio
dos patos bravos a bater
pela longa curva que desce para o mar,

posso cá voltar
e acreditar que percebo uma outra coisa,
algo sobre viagem e distância,
como na outra costa, na barriga da minha mulher
um estranho se convoca e move-se,
ainda sem nome, através da água e das trevas.

É simplesmente assim que tem de ser:

Porque amei uma pessoa de uma certa maneira,
nada se passou;

ou porque amei uma pessoa de uma certa maneira,
alguém caiu do sono, lá longe.

E ali está Vénus erguendo-se na noite
dispersa pelo vento nos rufos da maré.
E as outras estrelas que conheço
e as estrelas que não consigo nomear

estão em repouso na água
em fitas frias de luz
simplesmente porque sim.

THE RESTING PLACE

Small dark pines rise near it,
down by the bogs where black birds
rush up on orange wing. I'm told
that a farmhouse stood once
at the edge of the sandhills,
and there were wheel ruts running
as far away as another lifetime.

But it is foolish to think of travel
beyond these fingers of light and darkness,
for what you leave behind calls after you –
the wing of the black cricket,
the frogs throat in harsh choir,
the mute dance of thistle shaking
against the plain beachgrass.

Yet there is no fortune good enough
to let you return, to sleep forever
in this one place, its heavy iron gate
scaled with rust, its postpile of stones
pitched crazy by the frost-heaves,
lost for years now in the clutch
of the knotted briar and green moss
that run to the marsh's quiet edge.

O LUGAR DO REPOUSO

Pequenos pinheiros escuros crescem lá perto,
em baixo ao pé dos pântanos onde melros
sobem à pressa dando às asas laranja. Dizem-me
que em tempos houve uma quinta
no limiar das dunas de areia,
e trilhos vincados por rodas percorrendo
a distância até uma outra vida.

Mas é estúpido pensar em viajar
para além destes dedos de luz e trevas,
pois o que deixas para trás chama-te -
a asa do grilo negro,
a garganta do sapo num ríspido coro,
a dança muda do cardo agitando-se
contra a erva lisa da praia.

Mas não há sorte que chegue
para nos deixar voltar, dormir eternamente
aqui neste lugar, o seu pesado portão de ferro
a escamar ferrugem, o seu poste de pedras
prestes a tombar pelas elevações do caminho,
agora há anos perdidos nas garras
da sarça nodosa e do musgo verde
que correm para a calma orla do pântano.

MASS FOR THE GRACE OF A HAPPY DEATH

— *I. Chronicle*

OLD STORIES
MY AUNT AMONG THE LILIES
ABSOLUTION
ACTS
MASS FOR THE GRACE OF A HAPPY DEATH

— *II. Lamentation*

R AND R

— *III. Psalm*

PSALM
HYMN
OFFERING
CURANDERA

ORAÇÃO PEDINDO A GRAÇA DE UMA BOA MORTE

— *I. Crónica*

ESTÓRIAS ANTIGAS
A MINHA TIA ENTRE LÍRIOS
ABSOLVIÇÃO
ATOS
ORAÇÃO PEDINDO A GRAÇA DE UMA BOA MORTE

— *II. Lamentações*

FOLGA

— *III. Salmo*

SALMO
HINO
OFERTA
CURANDERA

— *I. Chronicle*

— *I. Crónica*

OLD STORIES

They would gather around the table
and pull down the *whiskey* and the small glasses,
their arms and chests still thick as barrels
under their baggy shirts and sweaters,
though their walking was stooped, their big hands
stiff-fisted and unsteady, their hair gone white
or gray as though it had taken on the colours
of the winter ocean that they loved to tell about,
going back to the time when they patrolled as surfmen
along the beaches – the Old Coast Guard’s Lifesavers.
My great uncle always drank off his first shot quickly
then poured himself another and let it stand
and stared into it, telling it what the waves
looked like, not a gleam of light in them, like stone
he’d say, like unfaced stone the size of hills
pounding at you, and in those gales the blowing snow
would smother any lights ashore, and the barges
and barques and shooners, blind and crossrippled,
would ground themselves on the miles of bars,
and the sea would beat them back to timber.
If dawn ever came for those sailors, they’d see
the shore looming, a line of ice
and surf in white thunder, the Coast Guard
in ready position in the frozen beach
with their Lyle Guns and horse carts, waiting grimly
for a chance to shoot a line out or launch
a surfboat into the breaking swell. This
is how the stories would go, passing back
and forth among these old, old men, always coming
around to courage and strength and death,
and mostly to death, the splintered boat, the twist
in the line, the falling spar, the cold, and each

ESTÓRIAS ANTIGAS

Eles reuniam-se à volta da mesa
e botavam abaixo o *whiskey* e os pequenos copos,
os braços e peitos ainda grossos como barris
sob as camisas e camisolas largueironas, apesar do seu
andar curvado, as grandes mãos de punhos hirtos
e tremidos, os cabelos brancos, ou cinza como
se tivessem tomado as cores do mar invernial de que adoravam
falar, recuando para o tempo em que patrulhavam as praias
como *Surfmen*¹– os antigos salva-vidas da Guarda Costeira.
O meu tio-avô bebia sempre o seu primeiro *shot*
rapidamente para depois encher outro e deixá-lo estar, fixando nele
o seu olhar, contando-lhe como estavam as ondas,
sem o mais pequeno brilho, como pedra, dizia, como pedra
bruta do tamanho de montes que nos esmagam, e no temporal
a neve violenta abafava todas as luzes da costa, e as barcas
e barçaças e escunas, cegas e dilaceradas, enterravam-se
nas milhas de bancos de areia e o mar batia-lhes
até voltarem a serem vigas de madeira outra vez.
Se alguma vez chegasse a aurora para estes marinheiros,
veriam a costa que nem uma aparição, uma linha de gelo
e a rebentação numa trovoada branca, a Guarda Costeira
a postos na praia congelada
com os seus *Lyle Guns*² e carroças, esperando impiedosamente
pela oportunidade de atirar uma linha ou lançar
o barco a remos para as vagas a rebentar. Assim se
desenrolavam as estórias, passando para trás e para a frente
entre estes velhos, velhos homens, voltando sempre
à coragem e à força e à morte, sobretudo à morte,
o barco estilhaçado, o mastro em queda, o arrepio
na linha, o frio, e cada homem afirmando tê-la vencido
pelo menos uma vez ou mais, e ele contando tudo, sobre
a comichão do suor frio sob a lã, sobre a respiração gelando

man had his claim to having beaten it once or more,
and he'd tell you about everything, about the itch
of cold sweat under wool, about breath freezing
to rime-frost on a mustache, about the rant
of ocean that made a man's shout so small and useless.
You can still see the bars today, creamy
under the blue surf, the good sand beach
curving to the sea the way it has since the glacier.
Behind you the dunes roll away to the sky,
and in winter there's still the wind to teach you humility.
Sometimes yet in a big blow, the old soft bones
of some dead vessel groan up from sand and water
where they have lain for a hundred years,
rising now from burial as if to claim
their vanished flesh in this new cold light.
Sometimes my great-uncle would pull me to his side
and hold me there, his voice already sounding
as though it came from another room, and he'd work
his way over the dunes along his patrol, night,
gale-winds, close by the the booming of those killing breakers,
and feel his hand ticking slow time
on my shoulders, hear him saying, *This is for you –*
Remember this... And I'd feel him slacken
just the way the weather sags when a hard rain is over,
a tired body exhaling and settling
after a quick pounding of the heart.

até cristalizar o bigode, a arenga do mar que fazia com
que o grito de um homem se tornasse tão pequeno e tão inútil.
Ainda hoje se vêem os bancos, cor creme
sob a rebentação azul, a boa praia de areia
curvando-se para o mar como sempre o fizera desde o glaciário.
Por trás de ti as dunas revolvem-se até ao céu,
e no inverno ainda há o vento para te ensinar a humildade.
Já por vezes num sopro maior, os velhos e macios ossos
de um veleiro sepultado emanam gemidos da areia e da água
onde repousaram cem anos, erguendo-se agora do enterro como
que para reclamar a sua carne desaparecida nesta nova e fria luz.
Às vezes o meu tio-avô puxava-me para junto dele
e mantinha-me ali, a sua voz já a soar como se viesse
de um outro quarto, e fazia-se ao trabalho,
caminhando ao longo das dunas fazendo a patrulha, noite,
ventos revoltos, ao pé do ribombar daquelas imensas vagas assassinas,
e eu sentia a mão dele num lento tic-tac
no ombro, ouvia-o dizer, *Isto é para ti - Lembra-te disto...*
E sentia-o afrouxar tal como o tempo se verga perante o amainar
da chuva grossa, um corpo cansado exalando e assentando
após um rápido batimento do coração.

¹Surfmen era a terminologia usada para descrever membros do Serviço de Salva-vidas dos Estados Unidos da América (United States Lifesaving Service). É atualmente a mais alta qualificação na Guarda Costeira dos E.U.A. (United States Coast Guard) para operações que envolvem pequenas embarcações.

²O Lyle gun é um canhão de barril curto desenhado para o salvamento de pessoas em risco de afogamento ao disparar um projétil com uma corda de modo a permitir o transporte dessas pessoas para um local seguro.

MY AUNT AMONG THE LILIES

There were never lilies.
Irises grew in a bricked
row along the front of the house,
hollyhocks spined up behind
our hedge, and morning glories
bruised the fence
with their bitter mouths.
I could watch her, the light
swelling from the flowers
and catching in the hollows
of her throat, deepening
the hazel shine of her skin
as though some deed of youth
had been pass to her, some
covenant of renewal. But then
some long-remembered shade
would cross her face. Why
did she ever walk this way,
along the strict borders
of the house, her dress
puckered in the summer heat,
her Rosary laced at her wrist?
For hers was not an earthly
mission – no concern for
the watering can or rake
or spade. I saw her reach
once into a corner of moss
and bring out a cricket
perched on the curl
of her arthritic hand, watch
it with wonder and then
drop it, crush it
beneath the stub of her
black heel. She rose
then on heavy breath
and loomed over the yard
like some dark saint come
to harrow this world
of violent conversions.

A MINHA TIA ENTRE LÍRIOS

Nunca houve lírios.
Íris cresciam numa fila
de tijolos à frente da casa,
malva-rosas empertigavam-se atrás
da nossa sebe, e glórias-da-manhã
feriam a cerca
com as suas bocas mordazes.
Eu conseguia vê-la, a luz
brotava das flores
carregando as covas
do seu pescoço, aprofundando
o brilho avelã da sua pele
como se alguma ação da juventude
lhe tivesse sido transmitida, uma
aliança de renovação. Mas depois
uma sombra há muito na memória
atravessava-lhe a face. Porque é que
caminhava sempre desta maneira,
ao longo das rigorosas fronteiras
da casa, o vestido amarrotado
no calor de verão, o Rosário
enrolado no pulso? Pois a dela não
era uma missão terrena – sem
se ralar com o regador ou
com ancinho ou com a pá.
Vi-a uma vez ir a um canto
com musgo e tirar um grilo
empoleirado na curva da sua
mão artrítica, olhá-lo com pasmo
e deixá-lo cair, esmagá-lo
sob o toco do seu salto preto.
Elevou-se então
de fôlego pesado
e assomou pelo jardim
como uma espécie
de santo negro vindo
para arar este mundo
de violentas conversões.

ABSOLUTION

At night the old houses lean together
like a clan gathered to gossip at
the lip of a common well: shingles
soften under the long stains of moss,
and a cold dew crawls down the reflective
panes of the windows. This is not your town
but another, wholly mine, a place
of the beatified dead, part Hopper painting
part old story, white pickets and primroses,
and yards and streets of sand as pale
as the meal of crushed bone. No one
ever shows a face, but the geraniums
are clearly tended, the porch-swings
groomed and maintained. The ghosts
here are charged in the eternal happiness
of bad art: there is not a ruptured
kidney in the place, no bad tooth, no
bloody cough, and the sea is bountiful
and terrible, and even the children's
polished graves are serene and proper
under their white hills of sand. I entered
a house once, a cottage with oil lamps
and tulle curtains breathing in the open
doorway. I came to steal brass and touch
the old papers in the hollow desk. I walked
through the small, tidy rooms, tinkering
that I could still be saved. Surely
one of the invisible would come forth
and lay a wafer on my tongue, transfigure
me into everything I should have been,
raise me to abstraction: beauty, goodness.
But every dream ends badly. We come back.
When we roll our legs over to the floor,
pad to the kitchen for our morning coffee,
what presence can we imagine vanishing
through the shaved walls and slatted blinds,
absolving us to return to this body?

ABSOLVIÇÃO

À noite as velhas casas inclinam-se juntas
como um clã reunido para bisbilhotar
à boca de um poço comunitário: telhas
amolecem sob as longas manchas de musgo,
e um orvalho frio gatinha pelos reflexos
nos vidros das janelas. Esta não é a tua cidade
mas uma outra, inteiramente minha, um sítio
dos mortos beatificados, parte pintura de
Hopper, parte velha estória, cercas brancas
e prímulas, e jardins e ruas de areia pálida
como farelo de osso. Nunca ninguém
dá a cara, mas os gerânios estão evidentemente
tratados, as cadeiras de baloiço cuidadas e
estimadas nos alpendres. Aqui os fantasmas
investem-se na eterna felicidade
da má arte: não há um rim fraturado
neste lugar, um dente podre, uma
tosse sangrenta, e o mar é pródigo
e terrível, e mesmo as polidas lápides
das crianças estão serenas e compostas
sob as suas colinas brancas de areia. Entrei
uma vez numa casa, um casebre com
candeias a óleo e cortinas de tule respirando
à soleira da porta aberta. Eu vinha roubar
bronze e tocar nos papéis antigos dentro
da secretária oca. Andei pelos pequenos,
aprumados quartos, ainda pensando
que poderia ser salvo. Com certeza
um dos invisíveis avançaria para deitar
uma óstia na minha língua, transfigurar-me
em tudo aquilo que deveria ter sido,
elevar-me à abstração: beleza, bondade.
Mas todos os sonhos acabam mal. Voltamos.
Quando desenrolamos as pernas até ao chão,
vamos em pézinhos de lã até à cozinha
para o café da manhã, que presença
imaginamos nós a desaparecer através
das paredes calvas e das ripas dos estores,
absolvendo-nos para regressarmos a este corpo?

ACTS

As if there were no bitterness
in their lives, as if no dark ever
slid outward from the sills of
those kiltered windows, the house
would suddenly fill with women
and the rooms would float in heady
yeast while my mother, powdered
to the wrists in flour, would pound
the dough in the great bowl, yellow,
sugared, egg-heavy, warm in the gossip
and coal-smoke of a winter morning.
And the gravid bowl set by the chimney
Filled each corner with lingering
spirits, the sweet bread swelling,
buttock, breast, belly, plump tub
of the world where the women even then
were softly disappearing into their
envies and wishes, and where the men
also slopped toward shadows as they waited
for the hot slabs tendered from the oven,
greased with butter, to dredge
in milked coffee after a freezing day
at the wharves: and the oldest
among them all, maple-skinned, gaunt
under her rough apron, brushing
the heel of her hand in the Sign
of the Cross over still-rising loaves,
a devotion she would never again
make over loaves like these,
never again in exactly this way,
the earth, in the rife bounty
it heaps upon the favoured, letting
go of all of this forever: If such
sweet bread were ever blessed or holy,
let them take it now, quickly – and eat.

ATOS

Como se não houvesse nenhum azedume
nas suas vidas, como se nenhuma escuridão
deslizasse para fora dos parapeitos
daquelas janelas empanadas, a casa
enchia-se de repente com mulheres
e os quartos flutuavam na inebriante
levedura, ao que a minha mãe, coberta
de farinha até aos punhos, sovava
a massa na imensa malga, amarela,
doce, cheia de ovos, morna na bisbilhotice
e fumo de carvão de uma manhã de inverno.
E a malga grávida ao pé da chaminé
enchia todos os cantos
de espíritos que ficavam,
a massa sovada inchando,
nádega, mama, barriga, cuba roliça
do mundo onde as mulheres mesmo então
desapareciam brandamente nas suas
invejas e anseios, e onde os homens
deslizavam também para as sombras enquanto
esperavam as lajes quentes mimadas pelo
forno, untadas de manteiga, para salpicar
o café com leite depois de um dia gélido
nas docas: e a mais velha delas todas,
a sua pele como um ácer, descarnada
sob o seu áspero avental, escovando
em Sinal da Cruz, a base da mão
sobre os pães ainda a crescer,
devoções que jamais repetiria
sobre pães como estes,
jamais de novo exatamente assim,
a terra, na abundante gratificação
que amontoa sobre os privilegiados,
largando tudo isto para sempre: se esta
massa sovada fosse alguma vez bendita ou sagrada,
que a levem agora, rápido – e que comam.

MASS FOR THE GRACE OF A HAPPY DEATH

A bunch of us
always standing in doorways
down by the center of town
opposite the drugstore or
over by the Bowlaway with its
five lanes of candlepin – in
a city you might think a gang,
but not here in our little
blue village, tourists gone
for season and us bumming
cigarettes from one another,
rain coming down in the dark,
somebody telling jokes, punching,
the usual stuff because nobody
wanted to sit at home like his
father or uncle or older brother,
stuck and humbled, no point
to much of anything, every
now and then a broken window or
some stolen hootch, sometimes
the solemn story repeated
from mouth to mouth on the same
gloomy steps, like a prophecy,
like when one of the boats went
down in December cold, all hands,
gave our versions, told our
reasons – too much weight
up on the deck, too far in
bad seas, greedy, too young
to be in the pilot house, bad
luck, Every one of us under
those drizzly eaves repeating
the mysteries until we were
satisfied, for a while, that
what finally rose from us was
the benediction unspoken – *not me,*
not me, not me – and waiting
a while after that prayer finished
itself before we drifted off
along the sidewalks to our houses,
knowing that we'd stayed away
long enough, that the lights
would be out and everyone asleep.

ORAÇÃO PEDINDO A GRAÇA DE UMA BOA MORTE

Éramos sempre uns tantos
encostados aos umbrais das portas
junto à baixa da cidade
defronte à drogaria ou lá em
cima ao pé da *Bowlaway* com
as cinco pistas de pinos - numa
cidade pensar-se-ia ser um gangue,
mas não aqui, na nossa pequena
vila azul, já sem os turistas
do verão e nós a cravar
cigarros uns aos outros,
a chuva a cair no escuro,
alguém a contar anedotas, a bater,
nas coisas de sempre pois ninguém
queria sentar-se em casa como
o pai, ou o tio ou o irmão mais velho,
tolhidos e acabrunhados, nada que
valesse muito a pena, de vez
em quando uma janela partida
ou pinga surripiada, por vezes
uma estória solene que se repetia
de boca em boca nos mesmos
degraus soturnos, como uma profecia,
como quando um dos barcos naufragou
no frio de dezembro, a tripulação,
e nós conhecíamos cada um deles,
dizíamos as nossas versões, dávamos
as nossas razões - demasiado peso
no convés, demasiado longe
no mar bravo, gananciosos,
demasiado novo ao leme, má
sorte: Todos nós sob aqueles
beirais borraceiros repetindo
os mistérios até, por momentos,
nos convenceremos que aquilo
que finalmente de nós se elevava
a inefável bênção - *eu não,*
eu não, eu não - e esperando
um pouco depois daquela oração
se ter extinguido por ela própria
antes de nos dispersarmos
ao longo da calçada até casa,
sabendo que estivéramos fora
tempo suficiente para que as luzes
se tivessem apagado e todos a dormir.

— *II. Lamentation*

— *II. Lamentações*

R AND R

In Manila some men came
and locked a young girl, naked,
in a room with us, eight
or ten drunk marines and sailors
who had rotated back for a week of rest
and who had laid their good money down
and I can still remember the smell of her,
the tight black thatch under her belly,
the gold casing on her front tooth,
the way she laughed on each of our laps
just long enough to tease us before
she leapt to the next in the circle,
her skin like a soft glove over bones,
her bones like a separate animal
lying in wait under leaves.

Later someone bought her for the day.
the rest of us settled in other rooms,
into the boiled sheets and humidity
with the pretty girls in bright slips
who could not say our names, who
rode us like nightmares past the edges
of any desire, fierce, dark, rocking
creatures, working us like furies
then slipping off in the night
down streets forbidden to us, back
to lives we could neither reach nor imagine,
leaving us lying alone in the damp beds,
trembling, sleepless, smoking cigarettes,
watching the slits in the wooden shutters,
waiting for morning, for some sign
of the calm and the light.

FOLGA

Em Manila vieram uns homens
e trancaram uma rapariga nova, nua,
num quarto connosco, oito
ou dez fuzileiros e marinheiros bêbedos
retornados para uma semana de folga
tendo pago o seu bom dinheiro
e ainda me lembro do cheiro dela
o tufo concentrado e negro sob o ventre,
a capa dourada no dente da frente,
o modo como ria em cada um dos nossos colos
só o tempo necessário para nos provocar antes
de saltar para o próximo na roda,
a sua pele como uma luva macia sobre os ossos,
os seus ossos como um animal distinto
que se deita à espreita debaixo de folhas.

Mais tarde alguém a comprou para o dia.
O resto de nós acomodou-se nos quartos,
nos lençóis fervidos e na humidade
com as lindas raparigas em *slips* vivos
que não conseguiam dizer o nosso nome, que
nos montavam como pesadelos para além dos
limites de qualquer desejo, feras, escuras, bichos
bamboleantes, trabalhando-nos como fúrias
e depois esgueirando-se para a noite
descendo ruas proibidas para nós, de volta
a vidas que jamais podíamos alcançar ou imaginar,
deixando-nos deitados e sós nas camas húmidas,
a tremer, com insónias, fumando cigarros,
a ver as ripas dos estores de madeira,
esperando pela manhã, por um sinal
da calma e da luz.

**LOVE IS THE POWER WHICH IMPELS
ONE TO SEEK THE BEAUTIFUL**

Ed came back without a leg. He lived in the dumpy little frame house next to the dumpy little frame house where Tom and I lived with Tom's girlfriend. Nights we'd hear him, crazy, screaming at his Irish setters. He was trying to paint things on the stretched canvasses. Ad had been Navy, too, but Corpsman. Compared to him, Tom and I had had an easy life. We all understood things, though. We rode in my old Ford van out in the city college every morning and took classes on the GI Bill. It wasn't a lot of money. Ed got more because of his leg. We liked to sit around in Ed's place and smoke and drink whiskey. I read aloud from poems out of my Introduction to Literature Book. Tom read Plato and Shoppenhauer to us. He painted too, big gray canvasses with no people ever in them. One night one of the setters chewed up all of Ed's paintings. Ed raved all night and Tom's girlfriend had to take the dogs because she thought Ed would kill them. Ed had a false leg, but he never wore it. He kept it on a clotheshook on the wall. The VA used to give us Valium whenever we asked, big brown bottles of it. We all shared. Every month we got food stamps, and Tom's girlfriend bought us wine by the case. I believe we all loved one another. City colleges were free then in California. We did all right. Later, we drifted apart. We all wound up going to different universities. I don't know where Ed is anymore. I don't remember the last time I saw him. Tom is a minister now in a small town in the West. Now, after all these years of reading poems, I may finally understand certain questions of form. There is the line with its heartbeat, and there is language with its catalog of figures, and there is symmetry and breath. Every beginning demands an end, every curve a consummation, and the world and our lives must locate themselves in image or cease to exist. This could be a kind of *Longing* or a kind of *Will*. In seeking beauty it is sometimes necessary to reject a familiar or even an attractive form. If a symmetry is broken, we begin again. In some things failure is impossible.

O AMOR É A FORÇA QUE NOS IMPELE A PROCURAR A BELEZA

O Ed voltou sem uma perna. Vivia na pequena e atarracada casa de madeira ao lado da pequena e atarracada casa de madeira onde eu e o Tom vivíamos mais a namorada do Tom. Eram noites a ouvi-lo, louco, berrando com os seus *setters* irlandeses. Tentava pintar coisas em painéis de tela. O Ed estivera, também, na marinha mas como oficial médico. Comparando com ele, eu e o Tom tivéramos uma vida fácil. Percebíamos todas as coisas, todavia. Íamos todas as manhãs para a universidade na minha velha carrinha Ford às aulas do programa educativo para veteranos. Não dava muito dinheiro. O Ed recebia mais por causa da perna. Gostávamos de estar em casa do Ed a fumar e a beber *whiskey*. Ele lia poemas em voz alta do meu livro de Introdução à Literatura. O Tom lia-nos Platão e Shoppenhauer. Também pintava; grandes telas cinza sempre sem pessoas nelas. Uma noite um dos *setters* roeu todas as pinturas do Ed. O Ed vociferou pela noite adentro e a namorada do Tom levou os cães embora porque achava que o Ed os ia matar. O Ed tinha uma perna falsa mas nunca a usava. Tinha-a num cabide na parede. A Associação dos Veteranos dava-nos Valium sempre que pedíamos, em grandes frascos castanhos. Dividíamos por todos. Todos os meses recebíamos senhas de alimentação e a namorada do Tom trazia-nos vinho à caixa. Creio que nos amávamos uns aos outros. Naquele tempo as universidades eram de graça. Saíamos-nos bem. Depois, cada um foi para seu lado. Acabámos todos em universidades diferentes. Já não sei onde anda o Ed. Já não me recordo da última vez que o vi. O Tom agora é pastor numa pequena vila do Oeste. Agora, depois de todos estes anos a ler poemas, posso finalmente perceber certas questões da forma. Há o verso com o seu bater do coração, e há a linguagem com o seu catálogo de figuras, e há a simetria e a respiração. Qualquer início exige um fim, qualquer curva uma consumação, e o mundo e as nossas vidas têm de se localizar em imagens ou deixam de existir. Isto poder ser uma espécie de *Anseio* ou uma espécie de *Vontade*. Na procura da beleza é preciso prescindir às vezes de uma forma familiar ou mesmo atractiva. Se uma simetria se quebra, começamos de novo. Em certas coisas o fracasso é impossível.

— *III. Psalm*

— *III. Salmo*

PSALM

Walked among the oldest paths
in that easy wood of pine and larch
to the side of a hill and the faces
of the old tombs, sod-roofed
and iron-doored, and thought this
would be like the cave, the skull
-place where the soldier slept
and the stone was rolled and the body's
absence revealed, the stories already
walking the roads under the massive
oaks—the wounds, the tongues of fire,
the broken bread in the mouth becoming more,
and then more.

And so what if it is only
what they've come to call text, this language
of names that might not even be names,
for where are Mark's bones, or the cisterns
of Luke's house, and where did the word John
squat at the cook-fires turning a small
bird on a spit?

And when the scattered friends were
once gathered, can we believe exactly
that his flesh was unrecognizable to them,
and if so, what lake was it where he commanded
the fishes to fill the nets, and which one
of them counted the numbers of the catch,
and is one hundred and fifty-three the same
now as it was then, or has that figure's
significance changed also, in the manner
of miracles, which have effaced themselves
into reenactment, blood into wine, force
into ritual, a world made too small
for all the books yet to be written?

And the bodies here
under the mud hills have moldered down

SALMO

Caminhava entre os mais antigos trilhos
naquela simples mata de pinheiros e cedros
para a encosta de uma colina e para as faces
dos velhos jazigos, com telhados de turfa
e portas de ferro, e pensei que podiam
ser como a gruta, sítio de caveiras
onde o soldado dormia
e a pedra estava tombada e a ausência
do corpo revelada, as estórias já
a caminhar nas ruas por baixo dos possantes
carvalhos – as feridas, as línguas de fogo,
o pão partido na boca multiplicando-se,
e depois multiplicando-se mais.

E então se for apenas aquilo
o que eles passaram a chamar texto, esta linguagem
de nomes que podiam até nem ser nomes,
pois onde estão os ossos de Marco, ou as cisternas
da casa de Lucas, e onde é que a palavra João
se agachou ao lume virando uma pequena ave
no espeto?

E quando os amigos dispersos
se reuniram uma vez, podemos mesmo acreditar
que a carne dele lhes era irreconhecível,
e se era o caso, qual era o lago em que ele ordenou
que os peixes enchessem as redes, e qual
deles é que contou os números da apanha,
e se cento e cinquenta e três é o mesmo
agora do que era então, ou se o significado
desse número também mudou, em termos
de milagres, que se dissiparam na sua
reencenação, sangue em vinho, força
em ritual, um mundo feito pequeno demais
para todos os livros que ainda estão por escrever?

E os corpos aqui
debaixo dos montes de lama decompuseram-se

em ausência, as famílias inscritas nas ferrugentas
grades apagaram-se de todas as listagens,
certamente enfaixadas e levadas por outros
para onde não queriam ir e como quer que tenham
sofrido permaneceram quietas no terceiro dia
e em todos os outros que lhe seguiram, nunca levadas
para além de Betânia, apesar de haver
duas pessoas que ainda recordo, uma branca de
cabelos revoltos e outra com chapéu de marinheiro.

saíndo

para o tempo mais frio, um inverno em que
todas as tábuas do cemitério estavam congeladas
e esta húmida terra contava menos lápides,
e os ramos negros da macieira
jaziam raiados por uma esparsa neve fresca,
e a respiração retumbava pela boca e narinas,
e estes dois duros homens que não davam uso
ao descanso, Tio-Avô e Avô, carregavam pequenas
pás de carvão e baldes galvanizados,
andando em silêncio enquanto espalhavam cinzas
sobre os gélidos pisos entre a casa e o telheiro,
e um pequeno rosto olhava de uma janela vazia,
desejando então que se pudessem virar e chamá-lo
a segui-los, e aprendendo desde logo
que todas as promessas são para ser cumpridas,
e se ao lembrá-los
digo, fiquem entre nós, pois avança a tarde
e o dia está longe de ter passado, não vai interessar,
pois um espírito não tem carne nem ossos,
e os mortos não têm as nossas intenções em conta,
e não é através de signos nem de números
ou da sua manipulação, mas só pelo fôlego de um outro,
é que se erguem estes mortos para o ínfimo momento
de tão tenuemente andarem entre os ténues vivos.

HYMN

Then sing about appetite, that lovely first
green serpent of a thought, bringing with it
its trace of the Tree of the Knowledge
of Good and Evil, whereby, we are told,

the first mother and father tumbled
into the complicated well of death.
Perhaps it's a matter of too much order
tilting the perfect dogwood and lilac

to hang heavily over the footpaths
that leach the garden in the second version
in the old book, where God roams
among the swinging figs and spiders' silks,

a presence as clear as yours or mine, *for*
the man and the woman heard the sound
of the Lord God walking in the cool of day,
and now what we ponder is the absence

of that Father of fathers, the vanishing
of that literal earth of first naming
where the man took into his mouth the various
shapes of the humid air, and from him

flew the wedges of the world—*iron, delight,*
whistle, bat, finger, thigh, each word
prying its difference from the others,
until every wistful corner bloomed

in the original, baffling profusion of things.
Name what you want: *Heart, beauty,*
wholeness, salvation, the sound of the Father
walking the shimmering lavish growth

into existence around him. Something
is never there, and we wish and wish,
stars, fontanel, apple, gorging the world
with nothing but tongue and desire.

HINO

Canta então sobre o apetite, aquela linda primeira
serpente verde de um pensamento, trazendo consigo
o rasto da Árvore da Sabedoria
do Bem e do Mal, pela qual, dizem-nos,

a primeira mãe e pai resvalaram
para o complicado poço da morte.
Talvez seja uma questão de ordem em demasia
inclinando o perfeito corniso e o lilás

de debruçar-se densamente sobre as pegadas
que marcam o jardim na segunda versão
do livro antigo, onde Deus vagueia
entre os figos pendulares e as sedas das aranhas,

uma presença tão clara como a tua ou a minha, *pois*
o homem e a mulher ouviram o som
de Deus a andar pela frescura do dia,
e agora o que ponderamos é a ausência

daquele Pai dos pais, a dissipação
daquela terra literal da primeira nomeação
onde o homem levou à boca as várias
formas do ar húmido, e dele

voaram as cunhas do mundo – *ferro, prazer,*
assobio, morcego, dedo, coxa, cada palavra
intrometendo a sua diferença por entre as outras,
até que todas as saudosas esquinas floriram

na original, desconcertante profusão das coisas.
Nomeia o que quiseres: *Coração, beleza,*
plenitude, salvação, o som do Pai
caminhando pela pela vegetação luminosa e fulgurante

para dentro da existência à sua volta. Algo
nunca está lá, e nós desejamos e desejamos,
estrelas, fontanela, maçã, devorando o mundo
sem nada senão língua e desejo.

OFFERING

From one hill you can sight along
the marble headstones, a shoulder in
the earth where the land
sweetens down a long curve
and ice gnaws at the light
nesting in the sharp husks
of grass and thistle: Who
among them once lived upright
and loved her neighbor, took
in the despised, sheltered
the unloved, boiled linens
in a copper tub during the time
of the influenza, swabbed
the wracked bodies of the sick?
Or who leaned over the lime-
washed fence and plucked
unseen the crabbed apples
from his neighbor's tree, spit
on the planks of the walk
and told stories of his time
on the water, the gale that almost
washed him from the mast,
then biting the hard fruit,
laughing, ticking a space
between his teeth, thinking
of the woman he loved once
in some far place where
there was no hope of anything
everlasting, remembering
only the way a certain light
shivered from her lips when she
smiled, when she leaned
on his young arm, still hard
as a board, and it pleased
her that he had tasted words
on what was for him
her strange dark tongue.

OFERTA

De uma colina pode-se avistar ao longo
das lápides de mármore, uma encosta
na terra onde o campo
se adoça descendo numa longa curva
e o gelo arrepela-se à luz
aninhado nas cascas aguçadas
das ervas e cardos: Quem,
entre eles, vivia retilínea
e amava a vizinha, recebia
os desprezíveis, abrigava os
mal-amados, fervia linho
numa bacia de cobre no tempo
da gripe espanhola, lavava
os corpos despedaçados dos doentes?
Ou quem se inclinava sobre a cerca
caída oculto e colhia as maçãs
bravas da árvore do vizinho, cuspiam
nas tábuas do passeio
e contava estórias do tempo dele
no mar, o temporal que quase
o varria do mastro,
depois trincava o fruto duro,
rindo, espevitando um espaço
entre os dentes, pensando
na mulher que amara certa vez
num lugar distante onde
não havia esperança para nada
que durasse, lembrando
apenas o modo como uma dada luz
tremia dos seus lábios quando
ela sorria, quando se encostava
no seu jovem braço, ainda rijo
como uma tábua, e deliciava-a
que ele tivesse provado palavras
que eram para ele
a estranha e escura língua dela.

CURANDERA

She burned curled leaves in a bowl.
She walked from Guatemala to do this.
She buried dead for a thousand
miles and planted her own teeth
in nests and furrows along the way.
Her doors alone were clean of the glyphs
and gang-sign that razed the long boulevard.
Last week she healed a wound, and once
she dried up a woman's sex to ruin a husband.
Her breath was sharp with fish. She
asked fifteen dollars and took my hand
in hers, felt at the bones beneath
the skin. She could have taken a knife
and flayed me and nothing in her eyes
would have changed. I asked her questions
about luck and the love of a particular
woman. Votive candles burned behind her head.
On a poster the Sacred Heart of Jesus
wept blood. She had wrapped Rosaries
around her wrist, the way my old aunt
once did. Motors came and went in the street.
When she finally spoke to me, she said
"You are too proud." I wasn't sure
I heard her correctly. *"Pride! Pride!"*
she said then in English. *"What more?"* I asked.
She smiled. *"There is a skull under your face."*
"And under yours, too," I said. She
liked this. She squeezed my hand and rocked
back in her chair and laughed. *"Now
you are ready to understand me,"* she said.

CURANDERA

Ela queimava folhas enroladas numa tigela.
Ela viera a pé desde Guatemala para o fazer.
Ela sepultara mortos ao longo de um milhar
de milhas e plantara os próprios dentes
em ninhos e sulcos pelo caminho.
Só as suas portas se achavam isentas dos glifos
e sinais de gangues que arrasavam a longa alameda.
Na semana passada curou uma ferida, e uma vez
secou o sexo de uma mulher para arruinar um marido.
Tinha um intenso hálito a peixe. Pediu
quinze dólares e pôs a minha mão
na dela, sentiu os ossos por baixo
da pele. Podia ter tirado uma faca
e ter-me esfolado vivo que nos seus olhos
nada teria mudado. Fiz-lhe perguntas
sobre a sorte e o amor de uma mulher em
especial. Velas votivas ardiam atrás da sua cabeça.
Num poster, o Sagrado Coração de Jesus
chorava sangue. Em torno do pulso enrolava
rosários, tal e qual a minha velha tia
o fizera. Motores num vai e vem na estrada.
Quando finalmente ela falou comigo, disse
“És demasiado orgulhoso.” Não estava certo
de a ter ouvido corretamente. *“Orgulho! Orgulho!”*
disse ela então em inglês. *“E que mais?”* perguntei.
Ela sorriu. *“Há uma caveira por baixo da tua cara.”*
“E por baixo da tua também” disse eu. Ela
gostou disto. Espremeu-me a mão e balançou-se
para trás na sua cadeira e riu. *“Agora
estás pronto para me perceber,”* disse.

A FIELD GUIDE TO THE HEAVENS

— *I. Metropolis*

A FIELD GUIDE TO THE HEAVENS

THE TREE

GEORGE HERBERT

LAST HYMN TO THE NIGHT

— *II. Jailhouse Tattoos*

AMONG THE QUADI, ON THE RIVER GRAN

AN ARK CAST INTO THE FLAGS

HONOKAA TOWN, GECKOS CHIRPING, DEEP NIGHT, NO TELESCOPE

— *III. This Small Book of Days*

LINES WRITTEN AGAINST THE DAY THIS HAND WILL TREMBLE

WHEN LILACS

EDUCATION BY STONE

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS

— *I. Metrópolis*

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS
A ÁRVORE
GEORGE HERBERT
ÚLTIMO HINO À NOITE

— *II. Tatuagens na Prisão*

ENTRE OS QUADI NO RIO GRAN
UM CESTO LANÇADO AOS JUNCOS
CIDADE DE HONOKAA, O SILVO DO GECO, NOITE ALTA, SEM TELESCÓPIO

— *III. Este Pequeno Livro dos Dias*

LINHAS ESCRITAS CONTRA O DIA EM QUE ESTA MÃO TREMER
A ÚLTIMA VEZ QUE OS LILASES
EDUCAÇÃO PELA PEDRA

— *I. Metropolis*

— *I. Metropolis*

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS

Tonight I am speaking in tongues again.
Listen to all the stars with names as old as Mesopotamia:
Rukbat, Arkab, Nunki, Lesath, Shaula. They are shining forth
in the Archer and the Scorpion. They are ablaze in the southern sky.
The Scorpion rests his tail on some trees and a streetlight. Now and then
when I go inside to warm some coffee or toast some bread, I read
a few stanzas of Milton, who laments death as the loss of intellect,
who says, *Are not the towers of heavens filled with armed watch?*
I am looking for certain signs, certain deliriums. This Scorpion
is the same that stung mighty Orion to death. This Archer
pursues him for all eternity, in his left hand the bow, in his right,
the flaming arrow. This region is rich and manifold. In this direction
lies the center of our galaxy, a holy fire. *Aloof the vulgar constellations thick*,
says Milton, and I walk outside again. The ducks over the park
are raving mad. Their sounds float on the wind. The neighbors sleep
in one another's arms. Listen: *Dschubba, Antares, Acrab*. What
are they saying in the aisles and naves of the light years? What
is the sacred word on the street? What celestial music am I
so afraid to miss? In my right hand there is nothing. In my left
hand there is a cup. In my short chair in the shadows I am invisible.
This is how I know my street is a garden and my yard is a bower.
My coffee cools in the slow breeze. Someone's cat circles,
curious, lets me touch the scruff of its neck before it goes off to hunt
for meat or sex. The shrubs and trees and flowers all become
one another's equals in the slow eyes of darkness. *Sing*,
heavenly Muse, says Milton. *Geidi, Nashira, Dabih*. Eat
every fruit, sleep soundly: surely verily, nothing will be lost.

UM GUIA DE CAMPO PARA OS CÉUS

Esta noite falo em línguas outra vez.

Escutai as estrelas todas com nomes tão antigos como Mesopotâmia:

Rukbat, Arkab, Nunki, Lesath, Shaula. Brilham na dianteira do Arqueiro e do Escorpião. Incendeiam o céu austral.

O Escorpião pousa a cauda numas árvores e num lampião. De vez em quando entro para aquecer café, ou torradas ou pão, leio uns bocados de Milton, que chora a morte como perda do intelecto, que diz, *não estão as torres do Céu cheias de armas de vigília?*

Estou à procura de certos sinais, certos delírios. Este Escorpião é o mesmo que matou o glorioso Orion com seu ferrão. Este Arqueiro persegue-o eternamente, na sua mão esquerda o arco, na direita, a flecha em chamas. Esta região é rica e diversa. Nesta direção repousa o centro da nossa galáxia, um fogo sagrado. *Espessa, à parte das gerais constelações*, diz Milton, e saio de novo. O patos no parque estão doidos varridos. Os seu barulho flutua na brisa noturna. Os vizinhos dormem nos braços uns dos outros. Escutai: *Dschubba, Antares, Acrab*.

O que dizem elas nas alas e naves dos anos-luz? Qual é a palavra sagrada nas ruas? Que música celestial tenho eu tanto medo de perder?

Na minha mão direita não há nada. Na minha mão esquerda uma caneca. Na minha baixa cadeira na sombra, sou invisível.

É assim que sei que a minha rua é um jardim e o pátio um caramanchão.

O café esfria na brisa lenta. O gato de alguém anda às voltas, curioso, deixa-me tocar no seu cachaço antes de ir caçar carne ou sexo. Os arbustos e árvores e flores são iguais aos vagarosos olhos das trevas. *Cantai, Musa celestial*, diz Milton. *Geidi, Nashira Dabih*. Comei todos os frutos, dormi profundamente: seguramente, certamente, nada será perdido.

THE TREE

Then God said to me, *stop*
feeling sorry for yourself—isn't it
enough that I love you ? But I was
angry and sleepy in that indistinct way
when dreams linger like a fog in your head
all morning long, and I went out
to the work I grudged: God wanted me
to walk through the garden naming things,
but the wind was coming off the ocean six
miles down the boulevard, and a mockingbird
sat on the roof painting the whole house with
polyphonies, and then the finches and
the gray doves and the parkway crows
began lighting up the eaves and the canopies,
and then God told me to be humble, so I trellised
the sweet peas and hosed the spall and whitefly
from the citrus leaves, and I was thinking
the whole time about love, how so many live
and die without it, and what that must mean,
but God rebuked me and bade me wrestle
with the tree, so I took the saw and hatchet
down to the narrow place along the neighbor's
cinder blocks and prepared to cut and hack,
as I do each spring, this anonymous tree
that sends out its runners, and God said,
that tree will strangle your roses and
smite your false heather—
left alone it will crack the sidewalk
and rise up waving and whistling, and so I
attacked the saplings that had sprung up
window-high and wrist-thick along
its buried roots, and I chopped and I
sawed, and the leaves shivered green and gray
in the morning light, and a shower of small
orange moths burst up like hands dancing
all around my head, and I looked at them
and saw how they moved in the world, like
light bouncing from shadow to shadow,
and saw their terror.

A ÁRVORE

Então Deus disse-me, pára
de sentir pena de ti próprio. Não
chega que *Eu te ame?* Mas eu estava
zangado e com sono naquela indistinção
quando os sonhos pairam na cabeça
como nevoeiro durante toda a manhã, e saí
para o trabalho que ressentia: Deus queria
que andasse pelo jardim a nomear coisas,
mas o vento desprendia-se do mar a seis
milhas alameda abaixo, e um tordo
sentava-se no telhado a pintar a casa toda
de polifonias, e depois os pintassilgos e
as pombas cinzentas e os corvos da estrada
começaram a iluminar os beirais e os toldos,
e então Deus disse para ser humilde, por isso entrelacei
as ervilhas-de-cheiro e lavei à mangueira a mosca-branca
e areia das folhas dos citrinos, e pensava
no amor o tempo todo, como tanta gente vive
e morre sem ele, e o que isto quererá dizer,
mas Deus repreendeu-me e pediu que lutasse
contra a árvore, por isso levei a serra e o machado
até aquele apertado lugar ao longo dos blocos de betão
do vizinho e preparei-me para serrar e cortar,
como faço todas as primaveras, esta árvore anónima
que envia os seus mensageiros, e Deus disse,
*aquela árvore vai sufocar as tuas rosas
e ferir a tua urze mexicana,—
se a deixares em paz, vai estalar o passeio
e elevar-se-á sacudindo e silvando,* e por isso
ataquei os rebentos que cresceram,
altos como portas e grossos como punhos
ao longo das raízes enterradas, e machadei e serrei,
e as folhas tremiam em tons de verde e cinza
na luz da manhã, e um aguaceiro de pequenas
traças laranja irrompeu como mãos a dançar
em torno da minha cabeça, e olhei para elas
e vi como se moviam no mundo, como
luz a saltitar de sombra em sombra,
e vi o seu terror.

GEORGE HERBERT

I am watching the morning stars sing together.
In this case they make up *The Sickle*, the asterism
of Leo's head, angling down over the vacant house
across the steep dark of morning, when even the city lights
have dwindled down to the lonely and the terrible,
these stars are bold and odd. They make a certain claim,
and I can be happy, talking to myself without disturbing
the silence of the black lawns and sidewalks. Now
is the time for a wider eyepiece to rove the shelves
of galaxies under Leo's belly. Now is the time to
reckon with George Herbert, who mentions stars
to many times to count, and moons and spheres
and the *fleet astronomer*. George Herbert, whose
lines are too beautiful for the intellect, who will never
leave your mind at rest once you leave him. His
mind runs perpendicular to my own: he is uncomfortable
with the telescope, but he is fascinated by it. He
compares the faint nebulas to moths. We are so alone
finally: it is like walking through a curtain of danger
and sitting breathing hard, on its far side. Nothing
was truly as difficult as we imagined. I nudge the
barrel of the scope and find a galactic reef that never
stops diminishing. This darkness will not last forever,
we have to make the most of it before the sky lightens
and the neighbors begin rising to the day. Soon a car
will come around the corner and someone will throw
a copy of the *Times* at our feet. The truth is that
I never want to leave here. The truth is that we might
strike an accommodation, though neither of us can
imagine what it might be. I can't dispute what is holy.
I can't dispute his decision to lament and love.
But here, look, I show him how I sweep the sky.
slowly, slowly, back and forth, how to come upon
something obliquely, unexpected, at first just a wisp,
a figment, but then holding it, shimmering at the edge
of seeing, like an idea you can't quite pull into focus,
that faint gauze, that almost-nothing that is a whole world.

GEORGE HERBERT

Estou a olhar para as estrelas da manhã a cantar juntas.
 Neste caso formam *A Foice*, o asterismo
 da cabeça de Leão, em gancho sobre a casa vazia,
 do lado oposto da rua, quatro portas abaixo. A esta hora,
 na íngreme escuridão da manhã, mesmo quando as luzes
 citadinas já minguaram para o solitário e tremendo,
 estas estrelas são bizarras e audazes. Reclamam
 qualquer coisa, e eu posso ser feliz, a falar sozinho sem
 perturbar o silêncio dos negros relvados e passeios. Agora
 é tempo para uma ocular mais ampla vagueando pelas estantes
 de constelações sob a barriga do Leão. Agora é tempo de
 ajustar contas com George Herbert, que fala das estrelas
 demasiadas vezes para serem contadas, e luas e esferas
 e o *fugaz astrónomo*¹. George Herbert, cujos
 versos são demasiado belos para o intelecto, que jamais
 nos deixa a mente em paz depois de o deixarmos entrar.
 A sua mente corre perpendicular à minha: desconfortável
 com o telescópio, mas fascinado por ele. Compara
 as ténues nebulosas a traças. Finalmente, estamos tão sós:
 é como caminhar através de uma cortina de perigo
 e sentarmo-nos, a ofegar, do lado de lá. A verdade é que nada
 foi tão difícil como imaginámos. Rodo o cilindro de alcance
 e encontro um recife galáctico que nunca pára de diminuir.
 Esta escuridão não durará para sempre, temos de a aproveitar
 antes que o céu aclare e os vizinhos se levantem para o dia.
 Em breve um carro há-de dobrar a esquina e alguém atirar
 um exemplar do *Times* aos nossos pés. A verdade é que
 não quero sair daqui nunca. A verdade é que podemos
 chegar a um acordo, embora nenhum de nós imagine
 o que poderá ser. Não posso discutir aquilo que é sagrado -
 não posso discutir a sua decisão de lamentar e amar.
 Mas agora, veja-se, mostro-lhe como varro o céu,
 devagar, devagar, para cá e para lá, como dar com
 algo obliquamente, inesperado, primeiro só um feixe,
 uma fantasia, mas depois tê-lo na mão, brilhando no limiar
 da visão, como uma ideia que não se consegue bem focar,
 uma gaze ténue, aquele *quase-nada* que é um mundo inteiro.

1 "Astrónomo Fugaz" é a minha tradução para *Fleet Astronomer* que se encontra no primeiro verso do poema "Vantitie", de George Herbert.

LAST HYMN TO NIGHT

divinest Melancholy —Milton

Let the house sleep.

Let the city carry on its restless percussions,
let the urban possums raid the fruits of my lemon trees,
let my driveway
reflect the pumice shine of the moon.

Let the dead speak in the one way I know
and let me be listening.

Let me be strong
now that the weak are sleeping and saving themselves,
for like you, I'm moving beyond
love and hope.

I think you know what I mean:

Let there be coffee, dark and simple
in the blue mug on the many-ringed desk,
and whisky neat in the short glass among
the clutter of books and stacks of paper,
and the long, dangerous pencils, and the machine
for writing.

Let the cut grass whimper under the snails' track,
let the neighbor's cat thud on the roof, let
the lamp burn from my window in yellow warning
that sometimes

I will spill through a crack in the door
and hunch in shadows tying numbers to stars
in the blunt metropolitan sky.

Let me forget there will be a time for my silence:
Let me just remember how the jacarandas look
wreathed in night-fog, the sodium glow
of streetlight striking halos in their branches, let
the heaters kick on with their quiet thump,

ÚLTIMO HINO À NOITE

a mais divina Melancolia —Milton

Que a casa durma.

Que a cidade prossiga as suas repercussões irrequietas,
que os gambás da cidade pilhem os frutos dos meus limoeiros,
que a minha entrada
reflita o brilho púmice da lua.

Que os mortos falem da única maneira que conheço
e que eu ouça.

Que eu que seja forte
agora que os fracos dormem e se salvam a si próprios,
pois tal como tu, movo-me para além
do amor e da esperança.

Acho que sabes o que quero dizer:

Que haja café, negro e simples
na caneca azul sobre a mesa marcada com tantos anéis,
e *whiskey* puro no copo baixo entre
livros atafalhados e pilhas de papel,
e os longos, perigosos lápis, e a máquina
para escrever.

Que a relva aparada gema sob o trilho do caracol,
que o gato do vizinho batuque no telhado, que
a candeia arda da minha janela em sobreaviso amarelo
de que, às vezes,

transbordo por uma fresta na porta
e me agacho nas sombras, atando números a estrelas,
no céu rombo da metrópole.

Que eu esqueça que haverá um tempo para o meu silêncio:

Que me lembre só como são os jacarandás
com grinaldas na bruma da noite, o brilho sódico
das luzes da rua acendendo-lhes halos nos ramos, que
os aquecedores sacudam sempre, no seu silente batimento,

— *II. Jailhouse Tattoos*

— *II. Tatuagens da Prisão*

AMONG THE QUADI, ON THE RIVER GRAN

Tonight it's Marcus Aurelius. Tonight the lights are flickering and fading from a great strain on the electrical grid: All over the city, fans and air-conditioners are whining in the heat, and the saffron air is buffed with the wind of cars motoring out on the broad streets that run from the ocean to the graves of the fruit orchards. How can I read Marcus Aurelius and think of the little room I lived in back in Manhattan when I was seventeen and far from home? How can I read him and think of the night two policemen handcuffed that man to the chain-link fence in the alley and beat the living shit out of him—and my friend, who was AWOL from the army, and I four floors up watched from the one dark window? That's when I needed Marcus Aurelius to save me from my ignorance and anger. Oh, if he had been with me. Oh, the lives I wasted simply because I wanted so much and knew so little. How I needed maxims, examples, laws! I loved that city, but I couldn't make sense of it. I didn't know how to get at its poems. I couldn't find its art. Now it's too late to make amends. Now I just read Marcus Aurelius in the heat, sentence after sentence, afraid to stop. I drink a little whisky. I drink a little coffee. I dog-ear a page and then another and another. I think I may be a narcissist the way I read Marcus Aurelius and think only of myself. Certainly I am agitated. I have fallen into my obsessions, and I have to admit I feel something like ecstasy. Sometimes I simply feel dread. Sometimes my breath comes in sharp heaves when I think I see myself in the pulpy text: an exile, self-banished from the polity of reason, or a limb lopped from the community! Well, I can't be everyone's friend. I haven't even reached the moral law yet. I don't know when I'll get there. Maybe never. The night is eerie, so silent except for machines. The insects, the birds, the crawling things have all disappeared into their remedies for temperature: the appliances buzz and hum, my lamp every so often stutters like a murmuring heart, the fans sing little hymns. It doesn't matter. I am with Marcus Aurelius now. The campaign is going well. Perhaps there is still some time left to meditate, to consider, A man must have a point of view. We find we resemble one another somewhat, especially our noses. We run our fingers through our thick beards. We take up many problems, and he turns them around and around in his stalwart mind. The river winds through green rushes. It has taken so long to get here. In a tent somewhere down the line a voice is breathing a tiresome song of sorrow and regret, and the heat is oppressive, but when one is prepared in his soul, such things become trivial.

ENTRE OS QUADI NO RIO GRAN

Esta noite é Marco Aurélio. Esta noite as luzes tremem e vacilam por causa de um pico de tensão na rede elétrica: Por toda a cidade, ventoinhas e ar-condicionados gemem no calor, e o bafo de açafão chega pelo vento dos carros a circular lá fora nas largas estradas que vão desde o mar até as campas dos pomares. Como é que posso ler Marco Aurélio e pensar naquele pequeno quarto em Manhattan em que vivi, aos dezassete anos e longe de casa? Como posso lê-lo e pensar na noite em que dois polícias algemaram aquele homem à vedação de arame no beco e lhe deram uma carga de porrada - e o meu amigo que se extraviara, sem licença, do exército, e eu a vê-los da escura janela quatro andares mais acima? Era ali que eu precisava de Marco Aurélio para me salvar da minha ira e ignorância. Oh, se ele estivesse comigo. Oh, as vidas que desperdicei simplesmente porque queria tanto e sabia tão pouco. Precisava de máximas, exemplos, leis! Adorava aquela cidade, mas não a compreendia. Não sabia como chegar aos seus poemas. Não conseguia encontrar a sua arte. Agora é demasiado tarde para emendas. Agora leio Marco Aurélio apenas no calor, frase após frase, com medo de parar. Bebo um pouco de *whiskey*. Bebo um pouco de café. Dobro o canto de uma página, depois outro e mais outro. Penso que posso estar a ser narcisista pelo modo como leio Marco Aurélio e só penso em mim. Claro que estou agitado. Cedi às minhas obsessões, e tenho de admitir que sinto algo como êxtase. Às vezes sinto simplesmente terror. Às vezes a minha respiração solta-se em intensas arfadas quando penso ver-me na polpa do texto: exilado, auto-excluído da organização política da razão, ou um ramo podado da comunidade! Bem, não posso ser amigo de toda a gente. Ainda nem sequer alcancei a lei moral. Não sei quando lá vou chegar. Talvez nunca. A noite está estranha, tão silente exceto as máquinas. Os insetos, os pássaros, as coisas rastejantes refugiaram-se nos seus remédios contra a temperatura: os aparelhos zoam e zumbem, a minha lâmpada gagueja de vez em quando como o murmúrio de um coração, ventoinhas cantam pequenos hinos. Não interessa. Agora estou com Marco Aurélio. A campanha está a andar bem. Talvez ainda haja algum tempo para meditar, para refletir. Um homem tem de ter um ponto de vista. Achamo-nos parecidos nalguma coisa, especialmente no nariz. Percorremos as mãos pelas nossas grossas barbas. Debelamo-nos com vários problemas, e ele revira-os por dentro e por fora na sua vigorosa mente. O rio serpenteia através de juncos verdes. Demorou tanto tempo para chegar aqui. Numa tenda algures pela linha abaixo uma voz respira uma enfadonha cantiga de mágoa e arrependimento, e o calor é opressivo, mas quando se tem a alma preparada, estas coisas tornam-se triviais.

AN ARK CAST INTO THE FLAGS

Today there is rolling thunder at the beach.
The multitudes have come to watch, with their cameras
and their bright clothes. Cars and vans choke the streets.
The tanned boys are all gristle and sinew carrying their boards.
The storm surfs is rolling up from nineteen-hundred miles off Baja,
and it rounds the pier like hills and hills, going out to the horizon.
The curls clap the sand and shake the earth, the air is all foam
and spray and mist. A television crew has set up its equipment.
The riders sit respectfully on the sand and meditate the shapes,
the direction, the rips, the intervals as they ready themselves.
The sun is nearly down and the new moon starts to show like a narrow rind.
I am merely watching, where once I would have entered.
I am exercising a fulsome discretion and prudence, but
I am also watching my son on his board. At twelve he is too small,
too weak yet to fight out to the break, but he rides the high seconds
near the shore. I watch him disappear again and again under
shelves of white water. I have to breathe and watch and let him
come up on his own, He is thin and graceful. Each time he emerges
there is an exultation. If I were a half mile up the beach, I could spot
him from his sheer joy. He is floating among the rushes of joy. He is
headed somewhere I have never been, to someplace I'll never set foot in.
He is practicing his spinout, his step, his stall, his rollover.
There is a star by the moon. Actually it is Jupiter, but it doesn't matter.
I can look up and down the beach. The earth pounds and shivers,
the spume rises, the waves keep roaring. There are words that cannot
abide here. There are ideas that are not possible. You can take
whatever air you want in your mouth and twist it however you like,
you will never make *sorrow*, or *confusion*, or *gloom* or their
hundred dreary comrades. A longboarder in the outside break
is carving down the face of something enormous. He is the only one
in the wave, and he is walking up, driving up the shoulder to spin
and come down again. The spar shines in the dusk. He is doing
impossible things. He looks like he will stay up forever, powering
through close-outs higher than his head. All at once the crowd
understands something. All at once we are all watching the same thing.
Even my son has rolled from his board and stands in the shallows to watch.
Now every one of us knows exactly why we've come here.
And we are all whooping and shouting like fools.

UM CESTO LANÇADO AOS JUNCOS

Tombam trovões hoje aqui na praia.
As multidões vieram ver, com as suas câmaras
e roupas vivas. Carros e carrinhas estrangulam as estradas.
Os miúdos bronzeados são todos cartilagem e tendão carregando as pranchas.
A crista da tempestade enrola-se desde mil e novecentas milhas ao largo de Baja,
e rodeia o pontão como colinas sem fim, desaparecendo no horizonte.
As espirais batem na areia e abanam a terra, o ar é só espuma
e borrifos e névoa. Uma equipa de televisão montou o seu estaminé.
Os surfistas sentam-se respeitosamente na areia e ponderam as formas,
as direções, a rebentação, os intervalos à medida que se preparam.
O sol está quase em baixo e a lua nova desponta como uma casca estreita.
Limito-me a ver, onde dantes teria entrado.
Exercito uma reverente discricção e prudência, mas estou também a ver
o meu filho sobre a prancha. Com doze anos é ainda demasiado pequeno,
fraco para se debater até à rebentação, mas desliza nas segundas ondas
mais altas perto da costa. Vejo-o desaparecer vezes sem conta debaixo
de patamares de água branca. Tenho de respirar e olhar
e deixá-lo vir à tona sozinho. É esguio e gracioso. Cada vez que emerge
é uma exultação. Mesmo que estivesse a milhas praia acima, conseguia
encontrá-lo pela pura felicidade. Flutua entre vagas de felicidade. Vai
para um sítio onde nunca estive, algures onde nunca pousarei o pé.
Está a praticar o seu *spinout*, o seu *step*, o seu *stall*, o seu *rollover*.
Ao pé da lua está uma estrela. Na verdade é Júpiter, mas não interessa.
Posso ver a praia de alto a baixo. A terra bate e treme,
a espuma sobe, as ondas continuam a rugir. Há palavras que não têm aqui
lugar. Há ideias impossíveis. Podemos tomar o ar que quisermos na boca,
retorcê-lo como quisermos que nunca sairá *mágoa*, ou *confusão*, ou *melancolia*
ou as centenas das suas lúgrebes amigas. Um surfista de *longboard*
esculpe o rosto de algo gigantesco no exterior da rebentação.
É o único na onda, e percorre-a, dirigindo-se ao declive para rodopiar
e voltar a descer. As gotículas brilham no crepúsculo. Faz coisas
impossíveis. Parece que vai ficar ali em cima para sempre, acelerando
por ondas cheias mais altas do que a sua própria cabeça. Ao mesmo tempo,
a multidão compreende uma coisa. Ao mesmo tempo, estamos todos
a ver o mesmo. Até o meu filho rolou da prancha para ver da beira-mar.
Agora cada um de nós sabe exactamente aquilo que veio ver.
E aplaudimos e gritamos todos que nem doidos.

**HONOKAA TOWN, GECKOS CHIRPING,
DEEP NIGHT, NO TELESCOPE**

Well, certainly the poetry of Earth is not dead, and I am still wandering companionless among stars—I am still appareled in celestial light: these one-eyed queens of heaven are throwing necklaces to the crowds—they glitter at our feet. They rattle and flash above our heads. And I am still climbing up on coffee, and I am still climbing down on bourbon, though the night here arches like a cat, and the familiar guide stars are crowded and shouldered by a thousand smaller lights in the lava blackness, in the island loneliness. I am taking stock of what I love. I am driven to the simple declarative. I am watching Cassiopeia with her heirloom clusters and Andromeda with her blurry jewel, how they take the truth and scatter it on the sea of photons, how they are mindless of any such thing as beauty. You can ask any star to solve your day with its imperial candle, you can compass your hands over the whole sky in dumb amazement, you can think about amending your life with such precision and resolve that you will become your own staunch beacon, regal and peculiar, but it does no good. Here the stars and the galaxies talk to one another along the grids of space. They are so practical. They are so moral and willing. They have a language all their own, though they keep their poems filed away in the most secret places. They have every opportunity. I, on the other hand, have only their light.

**CIDADE DE HONOKAA, O SILVO DO GECO,
NOITE ALTA, SEM TELESCÓPIO**

Bem, certamente que a poesia da Terra não está morta, e eu ainda vagueio sem companhia entre as estrelas – ainda estou vestido ao rigor à luz celestial: estas papisas celestes de um olho só atiram colares para a multidão, luzem aos nossos pés. Chocalham e irradiam sobre as nossas cabeças. E continuo a subir à conta do café, e continuo a descer à conta do *bourbon*, ainda que aqui se arqueie a noite como um gato, e as familiares estrelas guia se confundirem e ombrearem milhares de outras luzes mais pequenas, nas trevas de lava, no desterro ilhéu. Estou a refletir sobre aquilo que amo. Estou a ser levado para a declarativa simples. Estou a observar Cassiopeia com o seu acervo de relíquias de família e Andrómeda com a sua jóia neblínea, como tomam a verdade e a dissipam num mar de fotões, como não têm qualquer noção de algo como a beleza. Podemos pedir a uma estrela para nos sanar o dia com a sua vela imperial, podemos circundar o céu inteiro com as mãos num assombro mudo, podemos pensar em emendar a nossa vida com esta precisão e decidir que nos tornaremos no nosso próprio inabalável farol, régio e peculiar, mas não adianta. Aqui as estrelas e galáxias falam umas para as outras pelas redes do espaço. São tão práticas. São tão morais e determinadas. Têm uma língua só delas, apesar de manterem os seus poemas guardados nos lugares mais longínquos e secretos. Têm todas as oportunidades. Eu, por outro lado, só tenho a sua luz.

— *III. This Small Book of Days*

— *III. Este Pequeno Livro dos Dias*

**LINES WRITTEN AGAINST THE DAY
THIS HAND WILL TREMBLE**

Tremble not for the first time, but tremble without horizon, like the oranges on my mandarin tree breaking down their own limbs under their mindless weight, or the sweet gum weeping its yellow leaves, knowing only that it is time to weep. I am astonished that it took me this long to discover how the spirit addresses the flesh, how the flesh addresses the spirit, how peculiar this is, how unfinished, how happy with the crows sitting on the electric wires, so pure and out of proportion, and the wires drooping each so mathematically, and the utility poles full of carpenter bees and termites, not a one thinking it might be a tree or a statue. And I am out for the long afternoon, with the sun shortening its track, and I am walking the orderly pavements among parked cars until the dusk comes and Venus shines as big as a bottle-cap in the south. I am avoiding familiar turns as if I had a choice in the matter. Sometimes I think I do. It is the same as thinking that the spirit is a name for the flesh. Or the other way around. And I am out among the heedless streets watching the light come on in the windows and doorways. One thing speaks to another, or else I am speaking to myself. Now there is room: infinite, abundant room for all my weeping and trembling.

**VERSOS ESCRITOS CONTRA O DIA
EM QUE ESTA MÃO TREMER**

Não tremas pela primeira vez, treme antes sem horizonte, como as tangerinas da minha tangerineira partindo os seus próprios ramos sob o seu peso inanimado, ou a árvore-do-âmbar chorando folhas amarelas, sabendo apenas que é altura de chorar. Espanta-me ter levado tanto tempo a descobrir como o espírito se dirige à carne, como a carne se dirige ao espírito, como isto é estranho, como é inacabado, tão feliz com os corvos sentados nos fios de eletricidade, tão puro e desproporcionado, e cada fio tão matematicamente curvo, e os postes cheios de térmitas e abelhas carpinteiras, sem ideia sequer de poderem ser uma árvore ou estátua. E saio para a longa tarde, com o sol a encurtar o seu rasto, e caminho pelos passeios ordeiros entre carros estacionados até chegar o lusco-fusco e Vénus brilha grande como uma carica no sul. Evito voltas familiares como se tivesse voto na matéria. Às vezes penso ter. É o mesmo que pensar que o espírito é um nome para a carne. Ou vice-versa. Estou cá fora entre as ruas incautas a ver as luzes aparecer nas janelas e nas soleiras das portas. Uma coisa fala para a outra, ou então estou a falar comigo próprio. E então há um quarto: infinito, abundante quarto para todo o meu choro e tremor.

WHEN LILACS

The pine fence rotted and collapsed,
and then there was nothing between us
and the abandoned lot of the fish-
packing company, its wild outbuildings,
the forges and pumps, the truck barn,
the cooery, the workshops, silent
and weedgrown, and the counting-house,
ivy-choked and gone to pigeons and
feral cats – and the lilac tree, stooped
with blossoms, and my mother stealing
among them like a raged queen, snipping
and gathering, filling milkbottles with
the nodding clusters: she would choke
the house's sorrows with the lilacs
in the kitchen with its pinched windows,
on the sills and shelves and sinkboard,
on the red round table and the stove's back,
and lilac water in the vases and jars –
and in every cluttered room, we, who
tilled no gardens and tended nothing
but the tedious rosary of one day at a time,
suddenly rolling among the crowns
of flowers, breathing whatever fever
it was that sweetened the air for that
one time, the time the dead fence crumbled
and nothing stood between us
and the rich swollen purses of the lilacs.

A ÚLTIMA VEZ QUE OS LILASES

A cerca de pinho apodreceu e caiu,
e então não havia nada entre nós
e o terreno abandonado da firma de embalar
pescado, os seus edifícios selvagens,
as forjas e bombas, o telheiro dos camiões,
a tonelaria, as oficinas, silenciosas
e forradas de ervas daninhas, e a contabilidade,
estrangulada pela hera e deitada aos pombos
e gatos ferozes – e a árvore do lilás, corcovada
com rebentos, e a minha mãe roubando
entre eles como uma rainha irada, cortando
e colhendo, a encher garrafas de leite com
os nodosos cachos: havia de sufocar
as mágoas da casa com os lilases
na cozinha com as suas janelas apertadas,
nos parapeitos, prateleiras e na bancada,
na mesa redonda vermelha e atrás do fogão,
e água de lilás nos vasos e jarras –
e em todos os quartos atafalhados, nós, que
nunca tínhamos arado quintais e cuidado de nada
senão do tedioso terço um dia de cada vez,
subitamente reboávamos entre as coroas
de flores, respirando uma febre qualquer
que adocicava o ar pelo menos
daquela vez, a vez em que a cerca caiu
e não havia nada entre nós
e as ricas bolsas intumescidas dos lilases.

EDUCATION BY STONE

after João Cabral de Melo Neto

To go to it often, to catch its level impersonal voice,
says de Melo Neto in the graveyard's moon-white orchards.
To being hammered, the lesson in poetics, the speller of spells,
he says. What did you learn standing while the east wind guttered
over the fields of tilting stone, above the beloved dead, who
must love the stones in the field as they love the field?
As the stone loves, in turn, in its way, hardened and misunderstood:
It is not past loving. It is only past loving in one way of speaking.

So the stone teaches, and the stones teach, and you sat at their feet
and stumbled over your lessons. The stones made a catechism
for you, dense and like their hearts, resolute and singly knowing.
Who will recite like stone, like the stones? Who will bear
with compacted heart the inscriptions of the names of so much
that was beautiful? Will you? In their toppled kingdom, will you?

EDUCAÇÃO PELA PEDRA

segundo João Cabral de Melo Neto

Frequentá-la, captar a sua voz inenfática, impessoal,
diz Melo Neto nos pomares brancos-luar do cemitério.
A ser maleada, a lição de poética, para quem soletrá-la,
diz. O que é que aprendeste em pé enquanto o vento de leste abria
valas nos campos de lajes inclinadas, sobre os adorados mortos,
que devem amar as lajes tanto quanto amam o campo?
Como a pedra por sua vez ama, a seu modo, endurecida e incompreendida:
Ainda não deixou de amar. Só deixou de amar numa certa maneira de dizer.

Então a pedra ensina, e as lajes ensinam, e sentaste-te a seus pés
e tropeçaste nas tuas lições. As lajes fizeram um catecismo
para ti, denso e como os seus corações, resolutos e cada um deles sábio.
Quem recitará como pedra, como as lajes? Quem carregará
de coração compacto as inscrições dos nomes de tanta coisa
que foi bela? Serás tu? No seu amontoado reino, serás tu?

NIGHT OF A THOUSAND BLOSSOMS

— *Jasmin*

THERE WERE FOOTSTEPS IN THE GARDEN
I AM NOT A KEEPER OF SHEEP

— *Gabriel*

THE ANT
CASTOR, POLLUX, ALHENA, PROPUS
I INVITE THE ANGEL GABRIEL, BUT ONLY THE WIND COMES

— *Green*

ONE ARM AND ANOTHER ARM
THE OLIVE TREES

NOITE DOS MIL E UM REBENTOS

— *Jasmim*

HAVIA PEGADAS NO JARDIM
NÃO SOU UM GUARDADOR DE REBANHOS

— *Gabriel*

A FORMIGA
CASTOR, POLLUX, ALHENA, PROPUS
CONVIDO O ANJO GABRIEL, MAS APENAS O VENTO VEM

— *Verde*

UM BRAÇO E OUTRO BRAÇO
AS OLIVEIRAS

— *Jasmine*

— *Jasmim*

THERE WERE FOOTSTEPS IN THE GARDEN

I can't figure out the earth, everything saying yes and no at the same time, everything shedding its hair and licking its teeth and waiting to be eaten. And then there are the great wings of the galaxies I'm looking at as they shudder through the wilderness like spirits until they stoop through my garden of lenses and mirrors. What is the loneliness of all those shattered islands, what is so lofty, so hungry, so intelligent, so needy about them? I'm reading in a holy book about how the color red shifts and retreats in this sidereal world, as though the stars are trying to hide their forms from one another, as though they are afraid of their nakedness—they all race away, and only the distance grows, only the distraction, as if that were the point. Now the yard is so quiet I can hear the snails being pulled through the long grass by some reckless force beyond their snail imagination. There are sayings now that would help me. They would be nothing by daylight. The words try to avoid embarrassment too. How can you blame them? But in these pure hungers of the night it is another story. Precisely another story, and then another and another. Oh, there were footsteps in the Garden, all right. There was a firmament hung with lights. But that was then. This is now. That's what makes me ask for the next story. That's what makes me curl in the blanket on the shivering grass and stare outward. That's what makes tonight so safe for this one thing I'm trying to say.

HAVIA PEGADAS NO JARDIM

Não consigo entender a terra, tudo a dizer sim e não ao mesmo tempo, tudo a largar pelo e a lambar os dentes à espera de ser devorado. E depois há as grandes asas das galáxias que contemplo enquanto tremem pela imensidão como espíritos até que se dobram pelo meu jardim de lentes e espelhos. O que será a solidão de todas aquelas ilhas fragmentadas, o que será tão altivo, tão faminto, tão inteligente, tão carente nelas? Ando a ler num livro sagrado, sobre como a cor vermelha se desloca e se retira neste mundo sideral, como se as estrelas tentassem esconder as suas formas umas das outras, como se tivessem medo da sua nudez — todas elas fogem, e apenas a distância cresce, apenas a distração, como se fosse essa a questão. Agora o jardim está tão calmo que consigo ouvir as longas ervas a puxarem os caracóis para cima com uma espécie de força temerária além da sua rastejante imaginação. Há ditados que me ajudariam agora. À luz do dia não seriam nada. As palavras também tentam evitar a vergonha. E será que podemos culpá-las? Mas nestes puros apetites noturnos a estória é outra. Precisamente outra estória, e depois outra e mais outra. Ai, havia pegadas no Jardim, sim senhor. Havia um firmamento decorado com luzes. Mas isso era dantes. Isto é agora. É o que me faz pedir a próxima estória. É o que me faz enroscar na manta sobre relva tremente e olhar para fora. É o que faz esta noite tão segura para esta única coisa que estou a tentar dizer.

I AM NOT A KEEPER OF SHEEP

*Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é comom(sic) se os guardasse*

How little I knew about the world when I let him in, even though now I can't remember the day or time, I can't remember what random thought guided my hand in such an innocent act. I say this because it is of no importance whatsoever on a hot August night, a drink by my elbow, the cat speaking his mad language against the window screens, and the blossoms of so many papers and books in a desultory mess in the little room. I have been reading without decorum or discipline—the shelves are manic, nothing takes its civil place according to alphabet or color or size. The center cannot hold because it was never there in the first place. One must never let Pessoa across the threshold. I can say this with a sober mind for just a while longer. He sits so unassumingly at the table and you give him a small drink, and he begins to speak to you, and then you realize your day is ruined, your plans will come to nothing, you will end by trying every subterfuge you know to get him to leave, but he will wait and wait. And he is so charming! He will tell you stories, and you will recognize yourself in every sentence—you will understand quite quickly that he is mocking you, but then you will begin to doubt that, for he is so sincere, so simple in his utterance, so passionate in his beliefs. How can you not offer him another *cafezinho*, which I do, which he sips noisily but with a certain finesse. Then I begin feeling sorry for myself that—old sorrow—and I wish that someone a long time ago cared for me enough to warn me, to tell me never to let Pessoa into my kitchen, never to let him go on and on about his sadness, that sadness that never leaves him no matter how happy or content he feels, for then there is no hope for him and none for me, and he at least has his genius to sit with, his personalities, his Lisbon, his Tagus, and I, like you,

NÃO SOU UM GUARDADOR DE REBANHOS

*Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse*

Sabia tão pouco acerca do mundo quando o deixei entrar,
embora agora não me lembre o dia ou a hora,
não me lembre que pensamento fortuito guiou a minha
mão para um ato tão inocente. Digo isto porque não
tem qualquer importância numa noite quente de agosto,
um copo ao pé do meu cotovelo, o gato a falar a sua língua
estouvada contra as persianas da janela, e o desabrochar
de tantas folhas e livros num desarranjo caótico no pequeno
quarto. Ando a ler sem qualquer decoro ou disciplina -
as prateleiras estão loucas, nada toma um lugar civilizado
segundo o alfabeto ou cor ou tamanho. O centro
não se segura porque nunca chegou a existir.
Nunca se deve deixar Pessoa passar pelo limiar da porta.
Só posso dizer isto de mente sóbria por mais alguns instantes.
Senta-se ali tão despercebido à mesa e damos-lhe uma pequena
bebida, e ele começa a falar, e percebemos então que
o dia está estragado, que os nossos planos não darão em nada,
damos connosco a experimentar todos os subterfúgios que sabemos
para o convencer a sair, mas ele não se cansa de esperar. E é tão encantador!
Conta-te estórias, e reconheces-te em cada frase -
e até compreendes rapidamente que ele faz pouco de ti,
mas depois até acabas por duvidar disso, pois é tão sincero,
tão simples no seu discurso, tão apaixonado nas suas crenças. Como
não lhe oferecer um outro *cafezinho*, como eu faço, e como
ele beberica ruidosamente mas com uma certa fineza. Depois começo
a sentir dó de mim próprio - aquela velha dó - e quem me dera
que há muito tempo alguém tivesse gostado de mim o suficiente para
me avisar, para me dizer que nunca deixasse Pessoa entrar na minha cozinha,
para nunca o deixar falar, falar, falar acerca da sua tristeza, aquela tristeza
que nunca o deixa não importa o quão feliz ou contente se sinta, porque
então não há esperança para ele e nenhuma para mim, pelo menos pode-se
sentar com o seu génio, as suas personalidades, a sua Lisboa, o seu Tejo,

will have to settle for his company, wry, effacing, enigmatic, too delicate for hearty jesting, too prickly and gloomy to be of any real use around the house. Then the hours do not grow late in the same manner. The rooms do not simmer and cool in quite the way that I have become used to. The doors are no longer silent on their hinges. The planks in the floor begin their own conversations. So many things become impossible. He drags a match across the abrasive strip of the matchbox. The phosphorus makes its shushing sound. He lights another cigarette. His fingers are so white, so slender, his wrist is like a girl's wrist. *I am not a keeper of sheep*, he says. The night will be long and soft with stars and the heat and the ticking of one heart or another. He leans back in the chair with that uncertain charisma, that narrow head. I can tell he is here to stay.

e eu, tal como tu, tenho de me contentar com a sua companhia, sarcástica, apagada, enigmática, demasiado delicada para gracejos cordiais, demasiado melindrosa e soturna para ser realmente útil em casa. Então as horas não avançam da mesma maneira. Os quartos não fervilham nem arrefecem daquele modo a que estava habituado. As portas já não são silenciosas nas suas dobradiças. As tábuas do soalho iniciam as suas próprias conversas. Tantas coisas que se tornam impossíveis. Ele arrasta um fósforo pela faixa abrasiva da caixa. O fósforo produz um chiu. Acende outro cigarro. Os dedos dele são tão pálidos, tão finos, o seu punho é como o de uma rapariga. *Não sou guardador de rebanhos*, diz. A noite irá ser longa e branda com estrelas e o calor e o pulsar de um ou outro coração. Ele inclina-se para trás na cadeira com aquele carisma incerto, com aquela cabeça estreita. Sei que está aqui para ficar.

— *Gabriel*

— *Gabriel*

THE ANT

In the Glorious Book, the Glorious Verses,
with the Angel Gabriel labored over, bringing
Mohamed along slowly, sound by sound,
letter by letter, such are the Scriptures: *And the ant
was told to take his legions out of Solomon's
way lest the ants be crushed unknowingly.* Some
of us sat uneasily at our small desks. This was
during the first lessons. It was hard to absorb things.
We stifled our questions, which were many.
We were befuddled by the all the glory.
We were worried about the Prophet – He wanted
to get everything right. He tried so hard. The rest
of us were ashamed of ourselves, yet happy for Him.
And so now when an ant comes into the house
I never rush to the usual poisons. I always speak
a warning first. I importune the ant to take away
his legions. Coincidence is a word that no longer serves
me well – I have been won over to that. But the ants
keep their own counsel. Then I am so alone in the universe,
so hot and sticky in summer, so resolute and wavering by turns.
In the breezeways, in the pantry, in the windows behind
the whitewashed sills, the ant and his legions, and the Angel
and the Prophet – they carry on far into the night, under
the moon and the alien stars. When I hear the great arguments,
I still comprehend nothing. When I can no longer tell
who is speaking or who is singing. I lie down on the cool tiles,
where the voices and the endless lessons never let me sleep.

A FORMIGA

No Glorioso Livro, os Gloriosos Versículos,
nos quais o Anjo Gabriel tanto trabalhou, trazendo
Maomé pelo caminho devagar, som após som,
letra após letra, assim são as Escrituras: *E disseram à formiga
que levasse as suas legiões para longe do caminho de Salomão
para que não fossem esmagadas sem aviso.* Alguns
de nós sentavam-se agitados nas pequenas carteiras. Isto foi
durante as primeiras lições. Era difícil absorver as coisas.
Sufocávamos as nossas perguntas, que eram muitas.
Atordoava-nos tamanha glória.
Preocupávamo-nos com o Profeta – Ele queria
que tudo ficasse bem, esforçou-se tanto. Nós, os restantes,
ficávamos envergonhados, ainda que contentes por Ele.
E por isso é que agora quando uma formiga entra em casa
nunca corro para os venenos do costume. Aviso
sempre primeiro. Imploro à formiga que leve embora
as suas legiões. Coincidência é uma palavra que já
não me serve – rendi-me a isso. Mas as formigas
têm uma agenda própria. Então fico tão só no universo,
tão quente e pegajoso no verão, em turnos de determinação
e dúvida. Nos corredores, na copa, nas janelas por trás dos
parapeitos de cal, a formiga e as suas legiões, e o Anjo
e o Profeta – continuam pela noite dentro, debaixo da lua
e estrelas forasteiras. Quando ouço os grandes argumentos,
continuo a não compreender nada. Quando já não distingo
quem está a falar e quem está a cantar, deito-me na tijoleira fria,
onde as vozes e as intermináveis lições nunca me deixam dormir.

CASTOR, POLLUX, ALHENA, PROPUS

Now there is complete madness under the spring stars of Gemini, for something is breaking the darkness into a thousand greedy songs. I is a thousand crickets chirping and a thousand frogs peeping, making up another swarm of stars. Never mind that the gloomy mosquitoes are whining up from the flood canals, full of cravings – they are praising the darkness, too, they are taking their hidden lives and splitting the world into all these tireless cantillations. What care you must take, walking out to the camphor tree to break a branch and breathe its molecule into your own flesh! How cautious you must be not to be swallowed whole by such a time like this, how wary to sidestep the desire to try to steal some of this world, try to take it down like shorthand or rhetoric, to place in your mind where your practical additions will try to parse the voices and render comment. Anyway, those are the warnings I give myself, late in the shadowy yard, standing in my uncertain skin, leaning on my complacent bones. Let the night go on forever, or for a few more hours. Some creatures understand that the day, with its glare and logic, was made for rest. Some creatures understand nothing, of course. They don't need to. The stars come out and bid a choir to sing. It is the first choir and every other song is just an answer offered up its secrets. You can watch and listen, but don't think too much. First the sky bleeds itself to its earliest darkness, and then the planets and the brightest stars assure you that they have always been there. When it is safe, the others come and show themselves, and then that singing fills every shadow. Don't worry about it. Don't join in. Don't go counting hours and minutes, don't wait for the Angel, don't go naming God. Just breathe. It's enough.

CASTOR, POLLUX, ALHENA, PROPUS

Agora é a loucura varrida sob as estrelas da primavera em Gémeos,
pois qualquer coisa quebra as trevas em mil gananciosas canções.
São mil grilos cricrilando e mil rãs à espreita, criando outro enxame de estrelas.
Não importa se os taciturnos mosquitos sobem lamuriando dos diques,
cheios de cobiças – também eles louvam as trevas, levam as suas secretas
vidas e dividem o mundo em todas estas incansáveis cantilenas. A atenção
que temos de tomar, para irmos até ao canforeiro e partir um ramo e inspirar
a sua molécula na nossa carne! A cautela que temos de ter para não sermos
engolidos inteiros por um tempo como este, a prudência que temos de ter
para evitarmos o desejo de tentar roubar um pedaço deste mundo, tentar
assentá-lo como a estenografia ou a retórica, para um lugar na mente onde
os vícios práticos tentarão segmentar as vozes e tecer um comentário.
De qualquer modo, estes são avisos que deixo a mim próprio, tarde no sombrio
jardim, de pé na minha pele incerta, apoiado nos meus complacentes ossos.
Que a noite dure para sempre, ou umas horas mais. Algumas criaturas
percebem que o dia, com todo o seu fulgor e lógica, foi feito para descansar.
Algumas criaturas não percebem nada, é claro. Não precisam.
As estrelas aparecem e convocam um coro para cantar. É o primeiro coro
e todas as outras canções são apenas uma resposta dada aos seus segredos.
Pode-se ver e escutar, mas não se pense demais. Primeiro o céu sangra
até às suas trevas primordiais, e depois os planetas e as estrelas mais brilhantes
garantem-te que sempre estiveram ali. Quando é seguro, surgem as outras
e mostram-se, e depois a cantoria preenche todas as sombras. Não
te preocupes. Não te juntes a elas. Não te ponhas a contar horas e minutos,
não esperes pelo Anjo, não comeces a nomear Deus. Respira apenas. É quanto basta.

**I INVITE THE ANGEL GABRIEL, BUT ONLY
THE WIND COMES**

The wind again, this time wheeling down from the northwest and dumping rain, the wind-chimes in the yard banging like hammers and the gates slamming on their hinges. And then it has passed and it's time to go outside and walk the winter grass, the color now of old celery and cardboard. The yard is littered with tangerines, hard and green, Now it's time to advance and gather them up. I am not the chosen one to whom the Angel speaks. I don't mind. I don't believe I could bear up under that kind of pressure. I don't mind speaking to the Magnificence, night after night, without an answer. *Something* was loose in the yard, that's clear – something that asks for a new way of speaking, witch I haven't figured out yet. Here is a shingle gloved in moss and here is a branch in white fracture recalling a human bone, and here is the sun breaking the cumulous tower and here is the heart I abandon more or less regularly, lying in a nest of wet leaves. I don't mind. I pick them all up. I carry them. I saw a few words, but only in the eternal space in my head. It's fine. The sun keeps shouldering through, the crows are finding their wires, the sparrows are eternal. The air is charged with incongruous smells, clean linen, for instance, and sharp oxygen, and wet earth. I am a presence among the scoured ruins. It's time to stoop and collect. It's time to be quiet again, and poke and prod. It's time to find baskets for all this smitten fruit, round and perfect and shining.

**CONVIDO O ANJO GABRIEL, MAS SÓ
O VENTO VEM**

Outra vez o vento, desta vez revolia subindo de noroeste
e desfazia-se da chuva, os espanta-espíritos no jardim clangando como martelos
e os portões batendo nas suas dobradiças. E depois passou
e é tempo de ir lá fora e percorrer a relva invernãl, agora em tons
de aipo e cartão velhos. O jardim está entulhado de tangerinas,
duras e verdes. Agora é tempo de avançar e recolhê-las. Eu não sou
o eleito a quem o Anjo fala. Não me importo. Acho que não
consequia aguentar esse tipo de pressão. Não me importo de falar
com a Magnificência, noite após noite, sem ter resposta.

Alguma coisa andava à solta no jardim, claramente – algo que
pede uma nova forma de falar, que ainda não descobri qual é. Eis
uma telha calçada numa luva de musgo e eis um ramo numa branca fratura
lembrando um osso humano, e eis o sol quebrando a torre de cúmulos
e eis um coração que abandono mais ou menos regularmente, deitado
num ninho de folhas molhadas. Não me importo. Apanho tudo. E carrego-o.
Digo umas palavras, mas apenas no espaço eterno da minha cabeça. Tudo bem.
O sol continua a espreitar pelo ombro, os corvos procuram os seus fios,
os pardais são eternos. O ar está saturado de cheiros incongruentes,
linho limpo, por exemplo, e oxigénio vivo, e terra húmida. Eu sou
uma presença entre as ruínas depuradas. É tempo de me curvar e colher.
É tempo de ficar em silêncio outra vez, e espetar e picar. É tempo de encontrar
cestos para toda esta fruta castigada, redonda, e perfeita e brilhante.

— *Green*

— *Verde*

ONE ARM AND ANOTHER ARM

*Deve haver um lugar onde um braço
E outro braço sejam mais que dois braços*

Eugénio de Andrade

One arm is pulling another arm's weight, It's not a burden,
it is not something onerous, for one arm loves the other arm,
loves its skin and its intricate mechanisms, its long truths
and falseness, which it recognizes, in its wisdom, as another truth.
Then we are moved to a place where one arm and another arm
can be more than two arms, for it is autumn and the leaves,
in this part of the Earth, are not bursting with brilliance, but simply
letting go. They drift into small piles along the sidewalks, along
the narrow driveways and bungalows. They no longer wish
to be a burden. They want to sleep in the gutters because
they are overcome by the beauty of the lowering sun, the
light that has taken a whole new slant—new in their short
lives. You could say they are lying in one another's arms. This
is the idea that comes to me, and then the only question is where
can this be, this place? It's not in the world outside the windows,
and it's not in the world inside the windows. Maybe it's in
the sleep that hangs around my head and lifts all its fevers. Maybe
it's that very light, so low in the air, so true in its arcs and angles.
Would it make you ever want to lie down among the dry leaves,
but in your mind only? Would you find there the arms of all
the beloved, loving still another and another? If this isn't the false
idea or the true idea, then would you ask me to name this place?

UM BRAÇO E OUTRO BRAÇO

*Deve haver um lugar onde um braço
E outro braço sejam mais que dois braços*

Eugénio de Andrade

Um braço puxa o peso do outro braço. Não é um fardo, não é algo que custe, pois um braço ama o outro braço, ama a sua pele e os seus intrincados mecanismos, as suas longas verdades e a sua falsidade, que reconhece, na sua sabedoria, como outra verdade. Depois somos levados para um lugar onde um braço e outro braço podem ser mais do que dois braços, pois é outono e as folhas, nesta parte da Terra, não explodem com brilho, simplesmente vão desistindo. Vagam para pequenas pilhas ao longo dos passeios, ao longo das estreitas entradas e *bungalows*. Já não querem ser um fardo. Querem dormir nas sarjetas porque estão comovidas com a beleza do sol descendente, a luz ganhou uma inclinação completamente nova – nova nas suas breves vidas. Podia-se dizer que estão deitadas nos braços umas das outras. Esta é a ideia que me vem à cabeça, e a única questão é onde pode ser, este lugar? Não fica no mundo fora das janelas, e não fica no mundo dentro das janelas. Talvez esteja no sono que paira em torno da minha cabeça e levanta todas as suas febres. Talvez seja esta mesma luz, tão rasteira no ar, tão verdadeira nos seus arcos e ângulos. Será que nos poderia induzir a deitarmo-nos no meio das folhas secas, mas só mentalmente? Será que aí encontraríamos os braços de todos aqueles que amas, amando ainda outro e mais outro? Se esta não é a falsa ideia ou a verdadeira ideia, pedir-me-ias então para dar nome a este lugar?

THE OLIVE TREES

In the campus courtyard, in the center of the oldest building of all the old Spanish buildings, among the white stuccoed walls, among the ochre tiled roofs, the olive trees are preparing to leave this world. They are drooping the dark boles of their olives. They are lightning their burden as if they might straighten their scared backs,. And the olives are everywhere under the feet of the young girls and the young boys and under the shoes of the old men who are stooped with the weight of their books: olives like black stars or black fish, staining brick, drawing the gnats and the resolute sparrows. The olives are bitter. You cannot eat them. Here in the sun, on the weathered bench, I cannot think how Claudius Caesar could ever survived alone on the secret olives he plucked from his trees, when he knew his wife had poisoned his meals for weeks on end. Yet he outlasted her resolve. That is the story. But these olives are bitter and you cannot eat them. And where can they cast away their eyes and ears. And the young, crushing them under their soft, light feet, and the old, crushing them under their heavy heels. There trees! See how they think they have had enough of the earth? See how their shadows are merely lace, how they leave the morning sun unperturbed? See how they ready themselves over and over for the new life?

AS OLIVEIRAS

No pátio do *campus*, no centro do mais antigo edifício de todos os antigos edifícios espanhóis, entre as paredes de estuque caiadas, entre os telhados de telhas ocre, as oliveiras preparam-se para deixar este mundo. Largam os negros talos das suas azeitonas. Aliviam o seu fardo como que para endireitar as costas marcadas. E as azeitonas estão por toda a parte, debaixo dos pés das jovens raparigas e rapazes e debaixo dos sapatos dos velhos homens corcovados com o peso dos seus livros: azeitonas como estrelas ou peixes pretos, manchando o tijolo, atraindo mosquitos e corvos decididos. As azeitonas são azedas. Não se pode comê-las. Aqui ao sol, no banco gasto pelo tempo, não imagino como pôde Claudio César subsistir só com as secretas azeitonas que colhia das suas árvores, quando a mulher lhe envenenava a comida há semanas a fio. Sobreviveu, contudo, ao que ela queria. Esta é a estória. Mas estas azeitonas azedas não se podem comer. E para onde é que pensam que vão, estas dobradas e decrépitas árvores? Vejam como elas se livram dos seus olhos e orelhas. E a juventude, esmagando-as sob os seus delicados, ligeiros pés, e os velhos, esmagando-as sob os seus pesados tacões. Estas árvores! Estão a ver como elas já se fartaram da terra? Estão a ver como as suas sombras são um mero rendilhado, como abandonam o sol da manhã imperturbáveis? Estão a ver como elas se preparam vezes sem conta para a nova vida?

LATE RAPTUROUS

— *One*

JUNE/JUNLY – ELEVEN BLACK NOTEBOOKS, DESERT QUEEN MOTEL
THEN SAINT FRANCIS BLESSED THE CREATURES
THESE ARE THE LAST GOOD DAYS OF THE REPUBLIC

— *Two*

LATE RAPTUROUS
INTO THE SECOND THAT GOES ON LIVING
I CAN SEE THE LÁPIS LAZULI
I CHANGED MY CLOTHES WITH A BEGGAR ONCE
BLACK NOTEBOOK #5, LISBON
WILD SWANS
POND

— *Three*

BLACK NOTEBOOK #7, DESERT QUEEN MOTEL
SEPTEMBER 10TH – BLACKNOTEBOOK, UNNUMBERED

ÊXTASE TARDIO

— *Um*

JUNHO/JULHO – ONZE CADERNOS PRETOS NO *DESERT QUEEN MOTEL*
ENTÃO S. FRANCISCO ABENÇOOU AS CRIATURAS
ESTES SÃO OS ÚLTIMOS BONS DIAS DA REPÚBLICA

— *Dois*

ÊXTASE TARDIO
NESSE SEGUNDO QUE PERMANECE COM VIDA
CONSIGO VER O LÁPIS LAZULI
CERTA VEZ TROQUEI DE ROUPA COM UM MENDIGO
CADERNO PRETO #5, LISBOA
CISNES SELVAGENS
LAGO

— *Três*

CADERNO PRETO #7, *DESERT QUEEN MOTEL*
10 DE SETEMBRO – CADERNO PRETO, SEM NÚMERO

— *One*

— *Um*

JUNE/JULY – ELEVEN BLACK NOTEBOOKS, DESERT QUEEN MOTEL

Then night again. The dry lightning like artillery over the far reefs of stone and the thunder-god shearing the air—all the gods in foment and calamity, but it is not enough. The rumble and rupture, the shattering. Out there in the wilderness. Isaiah, Ezra, their lamentations, insufficient in the madness, and me with my tall can of iced beer leaning at the railing outside my door, like at the taffrail of a ship, but instead of the big turbines thrumming on blackoil, now only the small throats of the air conditioners gagging and moaning. The cold aluminum sweats in my hand, and I'm pleased for this small miracle, water out of the cracked desert air, but it is not enough. My happiness now, with the work coming forth in fits and then gout, is not enough, for it saves nothing, yet it is a happiness after all, and therefore inexplicable. The stars crowd one another out of their familiar lines. The arm of the galaxy, its bright muscle against the belly of the sky. Not enough. My heart full or empty, not enough. Now, to set something down in the midst of folly, one true word, one simple cry out of the black arroyos and dangerous washes, the canyons, the granite redoubts, but the lone sob of the desert hen is not enough, the television's mangled voices creeping through the drywall and stucco are not enough, and I am running out of time and money, always time and money. And love, I don't forget love, but it's not enough either, it doesn't save anything, the graves open for all the beloved to lie down in and all the despised as well, and it is still not enough. Stepping back into the cramped room I think of that ship again. How a ship will fit into the poem at this juncture. Perhaps my own ship from that other time. One hundred thousand tons of death and empire. Grand under my feet. Rolling with the long ocean swells. Sky like desert sky, shot with the unutterable trillions. And the engines banging forward blindly. Into that darkness. Under that blaze.

JUNHO/JULHO – ONZE CADERNOS PRETOS NO *DESERT QUEEN MOTEL*

E depois noite outra vez. O seco relâmpago como artilharia sobre os remotos recifes de pedra e o deus da trovoada retalhando o ar – *todos* os deuses acirrados e em calamidade, mas não basta. O estrondo e o êxtase, a razia. Lá fora no mundo selvagem. Isaías, Ezra, os seus lamentos, não bastam na loucura, e eu com a minha lata alta de cerveja gelada inclinando-me na balastrada diante da minha porta, tal como na borda de um navio, mas em vez das grandes turbinas a vibrar no petróleo, agora só as estreitas gargantas do ar condicionado gaguejando e gemendo. O alumínio frio transpira na minha mão, e eu fico feliz com este pequeno milagre, água sai do ar estalado do deserto, mas não basta. A minha felicidade agora, com o trabalho derramando-se em solavancos e depois correntes, não basta, pois não salva nada, mas afinal de contas é uma felicidade, e portanto inexplicável. As estrelas apinham-se umas às outras além das suas linhas familiares. O braço da galáxia, o seu músculo brilhante contra a barriga do céu. Não basta. O meu coração cheio ou vazio, não basta. Agora, para escrever algo no meio da loucura, uma palavra, um simples grito dos negros *arroyos* e perigosas levadas, os desfiladeiros, os redutos de granito, mas o soluço solitário da galinha do deserto não basta, as vozes laceradas da televisão esgueirando-se pelas paredes de reboco e estuque não bastam, e já não me resta muito tempo nem dinheiro, sempre tempo e dinheiro. E amor. Não me esqueço do amor, mas também não basta, não salva nada, as campas abrem-se para todos os que são queridos se deitarem e também para todos os desprezados, e ainda não basta. De volta para o quarto acanhado penso naquele navio de novo. Como um navio se ajustará ao poema nesta fase. Talvez o meu próprio navio daquele outro tempo. Cem mil toneladas de morte e império. A grandiosidade a meus pés. Rolando com a longa ondulação do mar. Céu como céu do deserto, cravejado pelos infindáveis trilhões. E os motores a bater cegamente para diante. Para aquelas trevas. Debaixo daquele fulgor.

THEN SAINT FRANCIS BLESSED THE CREATURES

Maybe it was Amsterdam or Brussels, this dream, for there was all this art and light everywhere, and grassy parks with unnamable flowers and the young embracing in the shadows, but speaking, too, in a language that was familiar and yet opaque to me, and I stood leaning on the gates of hell with a cigarette in my mouth, and some trees were on fire and they resembled lilies in their white eternal flames, and I knew it appeared to the others that I was callously watching the world unravel, and no one invited me or nodded in my direction or said anything civil, as though it were my fault that so much wonder and happiness lay in all directions and they just didn't know about it. Well, you wake up from that at four a.m. and you have a choice—this world or the other one. It's still dark outside, and your head is pounding, and your tongue is parched, and bells are tolling everywhere and horses are stamping and snorting under the windows, down in the street. It's all very dangerous, if you lay your burdens down you just might miss them, and then you'll be stuck with some stupid yearning for the rest of your life. For myself, I took down my walking cane and went to the kitchen and turned on the lamp in the cupboard and gazed at the boxes and cans, their brilliance and symmetry rising from the confusion. Pretty soon I started making up aphorisms and maxims that I hoped to live by. Pretty soon the street would be full of birds and all their predawn racket. They are so pure in their imperatives. I ran some water over my hands. You really do think for a moment that the birds are singing, maybe singing to one another or even to you. That's putting a good face on it. And why not? Have some coffee. It's not too early for that. And then when the first graying comes and the porch and grass are wet and cold, go on out with a heaving mug of it, sweet and thick with milk and get that cold damp earth under your naked feet. And listen. Listen hard enough to that singing and then you won't ever call it that again, whatever it is that comes from all those greedy throats. And then in the headlands and pastures of your city you can join the beasts. They are all like you. They are all crying. They are all hungry. They are all dying for something. For just about anything.

ENTÃO S. FRANCISCO ABENÇOOU AS CRIATURAS

Talvez fosse Amsterdão ou Bruxelas, este sonho, pois havia arte e luz por toda a parte, e parques relvados com flores desconhecidas e os jovens nas sombras abraçados, mas a falar, também, numa língua tão familiar como opaca para mim, e eu debruçando-me sobre as portas do inferno com um cigarro na boca, e umas árvores ardiam e pareciam lírios nas suas eternas chamas brancas, e eu sabia que para os demais parecia indiferente a ver o mundo desvendar-se, e ninguém me convidava, ou acenava na minha direção, ou dizia algo civilizado, como se fosse minha a culpa que tanta maravilha e felicidade se estendessem em todos os sentidos e eles simplesmente não o soubessem. Bem, acordas *disto* às quatro da manhã e tens uma escolha—este mundo ou o outro. Lá fora ainda está escuro, e a cabeça a latejar, e a língua seca, e os sinos doam por todo o lado e os cavalos recalcam e resfolegam sob as janelas, lá em baixo na rua. É tudo muito perigoso. Se pousas os teus fardos poderás vir a sentir falta deles, e depois ficas preso a uma saudade estúpida para o resto da tua vida. Quanto a mim, levei a bengala para baixo e fui para cozinha e acendi a luz do armário e fitei as latas e caixotes, o seu brilho e simetria emergindo da confusão. Dali a nada comecei a inventar máximas e aforismos segundo os quais esperava viver. Dali a nada a rua estaria cheia de pássaros no seu chinfrim pré-matutino. São tão puros nos seus imperativos. Deixei correr água sobre as minhas mãos. Por momentos pensas mesmo que os pássaros estão a cantar, talvez a cantar uns para os outros ou mesmo para ti. Isso é dourar a pílula. E porque não? Toma um café. Não é demasiado cedo para isso. E depois quando assomar o cinza da aurora e o alpendre e a relva estiverem frios e húmidos, leva um pouco numa chávena fumegante, doce e denso com leite e põe aquela terra fria e húmida sob os teus pés nus. E ouve. Ouve com muita atenção aquela cantoria e jamais voltarás a chamar-lhe assim, o que quer que saia daquelas bocas gulosas. E depois nos promontórios e pastos da tua cidade podes juntar-te aos bichos. Todos são como nós. Todos choram. Têm todos fome. Todos morrem por algo. Por qualquer coisa mesmo.

THESE ARE THE LAST GOOD DAYS OF THE REPUBLIC

That blue chill comes down the street and I can see
the mountains, I can see the snow caped over their shoulders
bright as a drum all those miles away, and winter in the sycamores here,
limbs gray and stripped—they dream of the crows, I can tell,
but no one here knows where they have flown. What
I mean is that the light in the sky is low and full of terror now,
the small wild things dance in it, the police cars, when they come
to the neighbors' house across the way, announce their importance
by arriving in clusters and parking backwards. He is a small man, my
neighbor, old, with one arm and three languages. He made his fortune
in furniture until something happened and now, despite the surgeries,
he wanders and raves, he sneaks cigarettes on the front steps when
he thinks his wife isn't looking. Today he is violent again and wants
to drive his car. It's forbidden, but no one can stop him. He wants to
go and look for his grandson who has gone off to the wars. He will not
listen that the wars are in a different place, far away. The police
stand around in the driveway, they talk with him, sometimes for an hour.
I don't understand their function, but I don't ask too much when I speak
with his wife later. She is weary and she hangs her weight on me, which
is fine with me, she lists her medications, we stand in her wild yard. Her
accent is pleasant, like a shiny nail striking a piece of tin, lightly. Good days
and bad days, she says. Her eyes are gray and blue, her pale hair clings
in tight curls. Her husband smokes a cigarette, quiet now, right in front of her.
The light is bluing all around them, the blue chill, the bare sycamores.
Sometimes late at night I see her kitchen lamp burning. Sometimes she
forgets I have my own trees and brings me dark winter oranges. She leaves
them on the doorstep in plastic bags, tied at the top with impossible knots,
I have to cut them open with a knife.

ESTES SÃO OS ÚLTIMOS DIAS BONS DA REPÚBLICA

Esse gelo azul vem pela rua abaixo e eu sou capaz de ver as montanhas, vejo como a neve lhes cobre as encostas, brilhantes como tambores a tantas milhas de distância, e o inverno aqui nos sicômoros, ramos cinzentos e despidos - sonham com corvos, bem sei, mas por cá ninguém sabe para onde voaram. O que quero dizer é que agora a luz no céu está rasa e plena de terror, as pequenas coisas selvagens dançam nela, os carros da polícia, quando chegam à casa do vizinho defronte do pátio, anunciam a sua importância ao chegar às mãos cheias e estacionando de marcha atrás. É um homem pequeno, o meu vizinho, velho, com um braço e três línguas. Fez a sua fortuna em mobiliário até que algo aconteceu, e agora, apesar das operações, vagueia e devaneia, fuma à socapa nos degraus da frente quando pensa que a mulher não está a ver. Hoje está outra vez violento e quer guiar o carro. É proibido mas ninguém o pára. Quer ir em busca do neto que partiu para as guerras. Não quer ouvir que as guerras estão noutra sítio, muito longe. Os polícias estão pelo pátio, falam com ele, às vezes durante uma hora. Não entendo a sua função, mas não faço muitas perguntas quando falo com a sua mulher mais tarde. Está exausta e pendura o seu peso em mim, não me importo, elenca os remédios que toma, estamos em pé no seu jardim bravio. O seu sotaque é agradável, como um prego reluzente cravando um pedaço de lata, ao de leve. Dias bons e dias maus diz ela. Os olhos são cinza e azul, o cabelo claro pegado em caracóis apertados. O marido fuma um cigarro, agora calmo, mesmo à sua frente. A luz vai tornando tudo azul à volta deles, o gelo azul, os sicômoros nus. Às vezes, pela noite alta, vejo a lamparina da sua cozinha a arder. Às vezes, esquece-se que tenho as minhas próprias árvores e traz escuras laranjas de inverno. Deixa-as na soleira da porta num saco plástico, apertado no topo com nós impossíveis, tenho de os cortar com uma faca.

— *Two*

— *Dois*

LATE RAPTUROUS

Well, the cold iron wind and the Hudson River from whence it blew, thirteen degrees on all the instruments and water in my eyes, but there was a fire someplace, it made my ears burn and sting, and me buffoonish in my old dirty down parka that I used to sleep in up in the Sierras with my little tent in the snow—I'd go in on skis by myself and write haiku in the candlelight because I believed such things would improve my inner being. But now I was leaning sideways walking up to 54th street to finally have a look at the de Koonings. I don't know what I expected, I don't know what I was looking for exactly, except that I'd seen too many prints, too many cramped photos, and I wanted the full brunt of it, that *late rapturous style*, that *sexual confrontation* that I'd read so much about, the crazy man in the Fourth Avenue loft before lofts were ever cool, drinking and working, working, re-working, wrapping paintings in wet newspaper so he could rub things out the next day and start over and over and over, yes, it was that, I will admit it, I wanted to stand in the presence of the real thing and feel it—it's never the aboutness of anything but the wailing underneath it, and there was a pain behind my heart and some kind of weird music inside my ears, so that riding up in the escalators, there came a slow panic at the swirl of a woman's long skirt, or a man's head turned at just the right moment—no explaining the sources of this, not the smells of body heat and heavy coats, though I know that every time you run toward something you love, you run away from it too, you get blinded by the colors or you miss something important and the moment collapses and takes whole worlds with it, forever, into some kind of blackness. It was crowded, that room, but almost everybody was just passing through and I found I could walk right up to those canvasses, and I believe I could have laid hands on them before anyone jumped me, but of course I just leaned and stared. I don't know how long. It didn't matter. What I needed was to take them with me and slant them against a wall someplace safe and curl up next to them at night instead of trying to sleep. It would be the only way. Back outside, I staggered up against the wind and it blew my tears back, and I finally ducked into a little place selling hot soup in paper bowls, and everyone was taking something off or putting something on—they were all talking and moving like they knew absolutely how to spend every hour of their lives, and not in darkness, either, or in despair or regret, and when I could see that the winter dusk was running to silver against the high roofs and towers, I stepped out again into the street, the shiny cabs cruising and the men and women bundled in long coats and bright scarves, and the hundreds of windows of the city's dark pavilions each showing its square of yellow light, and I walked back into that other kingdom.

ÊXTASE TARDIO

Bem, o vento de ferro gélido e o Rio Hudson de onde soprava, dez graus negativos em todos os instrumentos e água nos meus olhos, mas havia um fogo algures, que picava e ardia nas minhas orelhas, e eu feito tolo na minha velha e suja parka que costumava usar quando dormia lá em cima nas *Sierras* com a minha pequena tenda na neve - entrava sozinho de esquis e escrevia haikai à luz das velas porque acreditava que estas coisas aperfeiçoavam o meu ser interior. Mas agora inclinava-me de lado subindo a *54th street* para ir finalmente ver os de Koonings. Não sabia o que esperar, não sabia o que procurava ao certo, só sei que já tinha visto demasiadas impressões, demasiadas fotos acanhadas, e eu queria toda aquela força, aquele estilo de *arrebatemento tardio*, aquele *confronto sexual* acerca do qual tanto tinha lido, o homem louco do *loft* da *Fourth Avenue* antes mesmo da moda dos *lofts*, a beber e a trabalhar, a trabalhar, a retrabalhar, a embrulhar telas em jornal molhado para depois poder esfregar coisas no dia seguinte até desaparecerem e começar outra vez e outra vez e outra vez, sim, era isso, admito-o, queria estar à frente da coisa em si e senti-la - jamais se trata do porquê das coisas mas do gemido que está por baixo, e havia uma dor por trás do meu coração e uma espécie de música estranha dentro dos meus ouvidos, pelo que ao subir aquelas escadas, subiu um pânico lento no rodopio da saia longa de uma mulher, ou a cabeça de um homem virou-se mesmo no momento certo – não há como explicar as origens disto, não os cheiros do calor dos corpos e casacos pesados, embora saiba que sempre que corremos para algo que amamos, fugimos ao mesmo tempo, as cores cegam-nos ou então sentimos a falta de qualquer coisa importante e o momento sucumbe e leva mundos inteiros com ele, para sempre, para dentro de uma espécie de negrume. Estava cheia, aquela sala, mas quase todos estavam de passagem e descobri que podia ir mesmo até às telas, e creio que até lhes podia ter deitado a mão antes que alguém me saltasse em cima, mas claro que me dobrei apenas e as observei. Não sei por quanto tempo. Não interessava. O que precisava era de levá-las comigo incliná-las contra a parede de um sítio seguro e à noite enroscar-me ao pé delas em vez de tentar dormir. Seria a única forma. De novo lá fora, cambaleei contra o vento e ele soprava-me as lágrimas para trás, e finalmente mergulhei num pequeno sítio que vendia sopa quente numas tigelas de papel, e toda a gente despia algo ou vestia algo – todos eles falavam e moviam-se como se soubessem exatamente como passar todas as horas das suas vidas, e nem sequer às escuras, ou no desespero ou no arrependimento, e quando consegui ver que o crepúsculo de inverno se fazia prata contra os telhados altos e torres, saí para a rua de novo, os taxis luzentes a passar e os homens e mulheres embrulhados em casacos compridos e cachecóis vivos, e as janelas às centenas dos escuros pavilhões da cidade cada um mostrando o seu quadrado de luz amarela, e eu voltei pelo meu pé àquele outro reino.

INTO THE SECOND THAT GOES ON LIVING

What's left of Vermeer for me. A book. Astonishing.
The remainder table in one of those horrid bookstores
that have taken over the world with people in them
who never read, so when you ask for *Crime and Punishment*
they search their machines for Sociology. But Vermeer,
that one morning, five dollars and ninety-five cents, must
I not be thankful for such grace, strong good coffee and
light coming in from the parking lot of shining cars
and simmering on the plate glass window and lighting
the color plates, *woman, woman, woman, woman*, and
I didn't think at all of Tomas Tranströmer's perfect poem,
the one that should seal away all others from Vermeer,
and so my own ignorance prevailed, jubilate and safe
for a little while, though I saw de Kooning, unwavering
in his coming-after, undaunted, *woman, woman, woman*,
and I felt that small lament, too, that there was no linseed-
smelling and high-ceilinged studio for me, full of white
light and bespattered floors and walls, thick, unguent
middens of cast-off paints, jars and cans, and sable brushes,
objects and tools I cannot or name, but wished for,
sorry that I couldn't join this tribe of strangers for a moment,
for whom the world is light, fleshed in light, composed of it
to its very atoms, even the absence of it draping some shape
or figure in relevant darkness so that something come through
and sits on your heart though you cannot say for a lifetime
what it is, like the necklace of small stones a man cobbles for
his lover, scooped up from the edge of the sea when the
tide was running white-capped and blue-black, and that
she wears, in the story only, of how they gleamed once in
wave and sand, and she either doesn't notice how they have
blanched, or having seen them once radiant and transfigured—
whatever they have returned to or become—she doesn't care.

NESSE SEGUNDO QUE CONTINUA A VIVER

O que me resta de Vermeer. Um livro. Espantoso.
Os fundos de catálogo numa daquelas horríveis livrarias
que invadiram o mundo com pessoas dentro que nunca
leram, portanto quando se pergunta pelo *Crime e Castigo*
pesquisam nas máquinas em Sociologia. Mas Vermeer,
naquela manhã, cinco dólares e noventa e cinco cêntimos, como
não ficar grato por tal benção, café forte e bom
e luz vinda do parque de estacionamento de carros brilhantes
e a tremeluzir nas grandes chapas de vidro e iluminando
as chapas coloridas, *mulher, mulher, mulher, mulher*, e
nem sequer me lembrei do poema perfeito de Tomas Tranströmer,
aquele que deveria vedar para sempre Vermeer a todos os outros,
de modo que a minha própria ignorância prevaleceu, jubilosa e segura
por instantes, apesar de ter visto de Kooning, inabalável
na sua sucessão, intrépido, *mulher, mulher, mulher*,
e também eu senti um pequeno lamento, de não haver
para mim um estúdio de pé-alto com um cheiro a linhaça,
cheio de luz branca e salpicos no chão e paredes, grossas, entulhos
unguentadas de tinta descascada, frascos e jarras, e pincéis de marta,
coisas e ferramentas que não consigo definir ou dar nome, mas queria,
com pena de não me poder juntar a esta tribo de estranhos por momentos,
para quem o mundo é luz, encarnado em luz, feito dela
até ao último átomo, e mesmo a sua ausência drapeando alguma forma
ou figura na reverente escuridão para que algo transpareça
e se sente no nosso coração embora não se possa dizer durante uma vida
o que é, como o colar de seixos que um homem monta, desajeitado,
para o seu amor, colhidos à beira-mar quando
rolava uma maré de capa branca e de azul-negro, e que
ela usa, só pela estória, de como irradiaram uma vez nas
ondas e areia, e ela, ou não repara como eles descoraram,
ou tendo-os visto outrora reluzentes e transfigurados – tanto faz
aquilo a que voltaram ou em que se tornaram – não quer saber.

I CAN SEE THE LAPIS LAZULI

Oh, the dark beautiful one – as though there hasn't enough about him - but it's been raining out of season and the mornings have been even more horrible than usual, everything flat and meaningless, every once in a while a jet flying over low looking for the runways, and now a tall man in a cream-colored windbreaker and matching baseball cap is slumping along the hedges, one of those plastic grocery bags swinging from one hand, and there are little fireflies in my head, just enough to make the darkness visible, and of course it's all about Milton—I have been staring at the photograph of Milton's cottage, everything sinking into me in a peculiar way, the brick work and the pitch of the roof, shaked and sharp, and leafy trees the likes of which I can't name, and the grass and foxglove, and maybe hydrangea in the foreground. And the windows- all that leadwork binding the glass, yes, and Satan, cowed in his leathery wings, falling for day, all that mysterious brooding, but it was Milton who knew his heart! Milton, poking under those eaves, feeling his ways around the contours of heaven-and hell, too, because they need each other so much, and now I can rise to my own consignment among all the hopeful and the deluded. Marvelous angel who breaks down the distance between evil and glory, the light is fragile, and this terrifies. The earth is wet and smells of glory and leaves me aching between gladness and the bells of death. So I eat the fruit. It's worth every lost soul. When we cried for more light, What were we calling for, and to whom? Here, now, all the angels are dark and beautiful, and they dance in the gardens, behind every fence and wall, and they mean to harm me in some mysterious way that I can't refuse, that I have somehow come to love and embrace, though the prophets warned me. Just now, in this hour, I can see the lapis lazuli and emerald, beckoning and dripping out in the trees. Yes, something is lovely there, something better than my own gloom, and I can't keep myself from walking through that door.

CONSIGO VER O LÁPIS LAZULI

Oh! Vós, o Negro Resplendor – como se não bastasse tudo o que há acerca dele – mas tem chovido fora de época e as manhãs têm estado ainda mais medonhas do que o costume, tudo raso e sem sentido, de vez em quando um jato voando a baixa altitude à procura da pista, e agora um homem alto, vestindo um quebra-vento bege e um boné de baseball a condizer, vai-se afundando ao longo das sebes, um daqueles sacos plásticos balançando de uma mão, e há pequenos pirilampos na minha cabeça, suficientes para iluminar as trevas, e claro que é tudo sobre Milton – tenho estado a observar aquela fotografia da casa de campo de Milton, tudo a afundar-se em mim de uma forma peculiar, os tijolos e a inclinação do telhado, tremido e afiado, árvores frondosas do género das que não consigo nomear, e a relva e campainhas, e talvez hidrângeas em primeiro plano. E as janelas – todo aquele chumbo trabalhado unindo as vidraças, sim, e Satã, encapuzado pelo hábito e asas de couro, caindo durante dias, aquela misteriosa ruminação, mas era Milton que conhecia o seu coração! Milton, à espreita sob aqueles beirais, sentindo o caminho pelos contornos do céu – e do inferno, também, porque precisam tanto um do outro e agora posso ascender à minha consignação entre os esperançosos e os iludidos. Maravilhoso anjo que deita abaixo a distância entre o mal e a glória, a luz é frágil, e isto aterroriza. A terra está molhada e cheira a glória e deixa-me dorido entre a alegria e os sinos da morte. Portanto como a fruta. Vale cada uma das almas perdidas. Quando clamámos por mais luz, o que é que pedimos, e a quem? Todos os anjos são negros, e belos aqui, agora, e dançam nos jardins por trás de todas as paredes e sebes, e querem ferir-me de uma maneira tão misteriosa que não consigo recusar, que de algum modo vim a amar e a aceitar, embora os profetas me avisassem. Agora mesmo, neste preciso momento, consigo ver lápis lazuli e esmeralda, acenando e a pingar das árvores. Sim, há algo lindo aqui, algo melhor do que a minha própria melancolia e não consigo evitar passar por aquela porta.

I CHANGED MY CLOTHES WITH A BEGGAR ONCE

—Saint Francis speaks

I love beauty—I admit it—I loved the beauty of the sick and the dying. God speaks through me. This is true, but God speaks through everyone. That's why all the confusion. Women are more beautiful than young girls, but the young girls are beautiful and make me sad for death and all my blunders of the spirit. I adored Clare and adore her still. She adored me. We did the best we could. God gave us free will. God is complete freedom within His own bounds. You can think about that for a while. Once I thought I wanted my heart to grow until the world would sit inside it like a bright egg. This was a blunder of the spirit, for what could the stars, so azure and distant have to do with Clare and her naked feet? Everything, of course, but what living man wants such a fusion in his head? An ordinary fool. Better to dash your heart on black stones than to keep it full and whole. Better to shatter the windows and burn the doors. Then the wind will come up from the meadows and the smell of hay. Birds and moths will fly through, blue and orange, and the little beasts of the forest. And men and women and their loveliness will pass by like the shadows of the clouds. You will be empty. You will be nothing.

CERTA VEZ TROQUEI DE ROUPA COM UM MENDIGO

—fala São Francisco

Amo a beleza, admito-o, amava a beleza dos doentes e moribundos. Deus fala através de mim. É verdade, mas Deus fala através de toda a gente. Daí toda a confusão. As mulheres são mais belas do que as jovens raparigas, mas as jovens raparigas são belas e entristecem-me pela morte e por todos os meus enganos do espírito. Adorava Clara e ainda a adoro. Ela adorava-me. Fizemos o melhor que podíamos. Deus deu-nos livre-arbítrio. Deus é liberdade total dentro dos seus limites. Dá um pouco que pensar. Uma vez pensei que queria que o meu coração crescesse até que o mundo se sentasse dentro dele como um ovo luzidio. Este foi um engano do espírito, pois o que podem as estrelas, tão cerúleas e distantes, ter que ver com Clara e os seus pés descalços? Tudo, obviamente, mas que homem à face da terra quer uma associação destas na cabeça? Um tolo banal. É melhor espatifar o coração nas pedras negras do que mantê-lo pleno e inteiro. É melhor estilhaçar os vidros e queimar as portas. Depois o vento subirá dos prados e do cheiro a feno. Nele voarão pássaros e traças azuis e laranja, e os animaizinhos da floresta. E os homens e mulheres e a sua beleza passarão como as sombras das nuvens. Serás vazio. Serás nada.

BLACK NOTEBOOK #5, LISBON

Where sleep kept itself across the room like a long sheet of glass, and he lay on the white bed sifting through the ash and raking over the cinders of one burned-out dream or another, as if he would ever find a shy feather from the angel's wing there, no sweet or bitter powder to stop all the circling in his head, all that grinding over and over, yielding up nothing, and down in the street some marvelous and bejeweled girls calling out to one another, and car doors slamming outside the trendy club with its drift of icy music. They had gone looking for Pessoa and found him on coffee mugs and tee shirts, they had gone singing for Eça and Florbela and found cobblestones and tiled walls and the bayonet rails of the crimson trolleys. How far will any voyage take you? You can follow Roget and see how the slap is the first glance toward murder. You can misread the physicists and believe that hope and despair are the same string vibrating. Love what you will quickly. You can never stay. Deliverance never looks like itself. Weary and homeward, then, outbound, the hard-won tickets, and the baggage groaning with holy books in every language, the great Atlantic cloud cover, glacial and complete, showed the curvature of the round earth and they all wept in at least one of the rooms of the heart, for they were all leaving *something*, each of them, unguessable and sovereign in the deepest vault, or profound in those arcane inner whirlwinds of marvel and fatigue. How much later then, in his little canted rooms, home, still with the delicacies and caresses of his own descent in the November sun. Now the nodding maple crowning in his high windows, boughs pressing in on him, like the nose of a lost cat against a door, all hope and resolve that the house and its joys will open. In that moment of common fusion he saw himself reaching through the windowpane and petting its leaves, already cold and mortal, and the south-facing limbs easing into their final rusts and crimsons. As if he could pass through anything, he put out his hand but then only laid the flat of it against the glass. It was deeply cool, surprising in the drench of westering light, and he left his palm there for a while against a billion molecules, once opaque and blind but now because they had joined in fire he could look through them clearly as if through one single bright jewel, and he believed in this way he could see many pieces of the scattered world.

CADERNO PRETO #5, LISBOA

Onde o sono se reservou do outro lado do quarto como um longo lençol de vidro, e ele deitou-se na cama branca vasculhando cinzas e ordenando brasas de um ou de outro sonho incinerado como se alguma vez fosse ali encontrar uma tímida pena da asa do anjo, sem pós doces ou acres para amainar as voltas e voltas na sua cabeça, aquela moinha, sem dar em nada, e em baixo na rua maravilhosas raparigas com jóias chamando-se umas às outras, e as portas dos carros a bater lá fora diante da discoteca da moda com a sua gélida brisa musical. Tinham ido em busca de Pessoa e encontraram-no em t-shirts e canecas, tinham ido cantar por Eça e Florbela e encontraram a calçada e paredes de azulejo e carris como baionetas dos elétricos carmim. Até onde te leva uma qualquer viagem? Podes seguir Roget e ver como um estalo é o primeiro vislumbre do homicídio. Podes tresler os físicos e crer que a esperança e o desaire vêm da vibração da mesma corda. Ama depressa aquilo que queiras. Jamais poderás ficar. A salvação nunca se parece consigo mesma. Esgotado sigo para casa, depois, rumo ao mundo, os bilhetes que custaram a ganhar, o gemido da mala carregada de livros sagrados em todas as línguas, o grande manto de nuvens do Atlântico, glacial e pleno, mostrava a curvatura da terra redonda e todos eles choravam pelo menos num dos cantos do coração, pois todos deixavam *algo*, cada um deles, inadivinhável e soberano nas catacumbas mais profundas, ou bem fundo naqueles arcanos redemoinhos internos de maravilha e cansaço. E então quanto tempo depois, nos pequenos cantos enviesados dele, em casa, ainda com os carinhos e mimos da sua própria descida sob o sol de novembro. Agora o plátano acena coroando as grandes janelas, pressiona-o com os ramos, como o nariz de um gato perdido contra uma porta, todo ele esperança e decidido que a casa e as suas alegrias se vão abrir. Naquele momento de união comum viu-se estender a mão através da vidraça e afagar as folhas, já frias e mortais, e os ramos virados a sul entregando-se às derradeiras ferrugens e carmins. Como se pudesse passar por qualquer coisa, pôs a mão de fora mas depois apenas a espalmou contra o vidro. Estava profundamente frio, surpreendente na copiosa luz ocidental, e deixou lá a palma da mão durante algum tempo contra milhões de moléculas, antes opacas e cegas mas agora que se fundiram no fogo, ele podia ver claramente através delas tal como através de uma única joia brilhante, e acreditou que desta forma podia ver vários pedaços do mundo estilhaçado.

THE WILD SWANS

They went out to look at the wild swans. They walked in silence through oak and heather, but those names might not be correct. The wood glowed, though the sun was yellow, and buttered the leaves and branches with its yellowness. Light everywhere and then the pond, glistening smooth like the tear over an eye. They watched there, and the swans, after all, became geese, bullish and noisy and black on the black pond. All the sadness of the world is here now, he thought, but that was just his old malady talking. All the peace of the world is here now, he thought and let it stand, because the wind for a moment came, and shushed all through the trees, and not a ripple rose on the pond, flat as iron and fat in the distance with its magic geese. Then they sat apart for a while. There was a chill to the air and it was pleasant to feel. Every now and then the geese, too far away to count or distinguish, would rise up and roar at the woods and settle again into their darkness. Who isn't a well of secrets? Who can reckon himself completely? Let the heart inhabit the heart. Let the mind inhabit the mind. Let the leaves shiver all around the ferocious mouths of those wild birds. How deep they had walked into quite, how far away, how alone, even when the swans turned into geese, even while the yellow sun laved the forest.

OS CISNES SELVAGENS

Saíram para ver os cisnes selvagens. Caminharam em silêncio entre carvalho e urze, mas esses nomes podem não estar certos. A floresta brilhava, apesar do amarelo sol, que untava as folhas e galhos com a sua cor amarela. Luz por toda a parte e depois o lago, liso e brilhante como a lágrima sobre um olho. Ficaram ali a olhar, e os cisnes, afinal, tornaram-se gansos, Arruaceiros e barulhentos e pretos sobre o preto lago. Toda a tristeza do mundo está aqui agora, pensou ele, mas isto era apenas o seu velho mal a falar. Toda a paz do mundo está aqui agora, pensou ele e deixou-a ficar, porque por um momento veio o vento silenciando tudo por entre as árvores, e nem uma onda se ergueu no lago, largo na distância, polido como ferro, com os seus mágicos gansos. E sentaram-se à parte durante algum tempo. Havia um fresco no ar e era bom de se sentir. Uma vez por outra os gansos, longe demais para se contarem ou distinguirem, erguiam-se e rugiam para a floresta e aninhavam-se de novo na suas trevas. Quem é que não é um poço de segredos? Quem é que se conhece a si próprio plenamente? Que o coração viva no coração. Que a mente viva na mente. Que as folhas se arripiem nas bocas vorazes daquelas aves selvagens. Quão fundo andaram eles até ao sossego, quão longe, quão sós, mesmo quando os cisnes se tornaram gansos, mesmo quando o sol amarelo lavava a floresta.

POND

When he left, and when he was finally gone, he thought he was nothing on this earth, though there was no *he* and no *thought*, and he believed he would join the vast armies of the dead that he had heard about, but nothing flew up through his breast and nothing raised up from him. Then the woman held him in a wooden box, and he heard her say how it was heavy, so heavy, and that it was mosdy crushed bone among the black ashes. Her hands were strong. They were always busy, and he had always admired them, but they were both beyond that now. She shook him gently from the box at some point. It was what they knew as *morning*. She always liked to hear the coffee coming down, the burbling noise it made in the white machine on her kitchen counter. She shook him into a paper sack and put a smooth stone from the beach into it. Their minds had been alike in some ways. There was a good weight to the stone. He knew it. They had picked it out together. It was the size of her heart. Then she carried him. She walked the path out through the woods and to the pond. She wore what they once called sneakers and denim pants, a wool sweater. When they reached the shore, she stepped into the water, which was like the sky at night, black and shining, and she walked out until the water was near to her shoulders, and her breath blew and shuddered. Then she let him go. It was everything they had hoped for, in those times they had hoped. He went down. He settled. He might have lain immured in the sack for weeks. It was a surprise. He loved the cold water and he loved it more as it ate of the sack until it no longer was, as he no longer was, and without a way to tell it clearly, he slowly became the pond, spreading with the slowest, quietest eddies. So slow. He could not say where he had been, or what. But when the ice came, he was the ice and at the same rime he saw up through its gray ceiling, and he saw more gray. Snow came then, a dusty white, like clouds, and then it thickened and he was everywhere under a black quilt, moving, as nothing moved. When the summer sun came he was in the fish and the fish were in him. When the lilies rose, he rose in their veins, and when they bloomed white and impure, he was in their throats, and they made a broken kind of singing. When the stars drifted over, the frogs roared. Then there was a kind of laughter. This is all a way of speaking when there is truly no speaking. He didn't know where the others were, but it would be wrong to think that anything was the same, that there were desires and feelings, or even *others*. After a while *everything* and *nothing* were just sounds the living made, he barely knew them. If there were speech, he would say just one thing: Your realm above the glassed eye of this silent water is just a dream. This other place, this forever, this forgetting—this, always, was the only world.

LAGO

Quando ele partiu, e quando finalmente se foi de vez, pensou que não era nada nesta terra, apesar de não haver um *ele* nem um *pensamento*, e acreditava que se juntaria aos vastos exércitos dos mortos de que já ouvira falar, mas nada dele ascendeu, nem nada se elevou do seu peito. Então a mulher guardou-o numa caixa de madeira, e ele ouviu-a dizer como era pesada, tão pesada, e que era sobretudo farelo de osso entre cinzas negras. As mãos dela eram fortes. Estavam sempre ocupadas, e ele sempre as admirara, mas agora estavam os dois para além disso. A certa altura sacudiu-o levemente para fora da caixa. Era o que eles entendiam por manhã¹. Ele sempre gostara de ouvir o café descer, o borbulhar que fazia na máquina branca na bancada da cozinha. Sacudiu-o para dentro de um saco de papel e pôs dentro uma pedra polida da praia. Tinham sido almas semelhantes em muitas coisas. A pedra tinha um bom peso. Ele sabia-o. Tinham-na escolhido juntos. Era tão grande como o coração dela. Depois ela levou-o. Percorreu o trilho pela floresta até ao lago. Vestia o que outrora se chamava sapatilhas e calças de ganga, uma camisola de lã. Ao chegar à margem, caminhou para dentro da água, que estava como o céu noturno, negro e a brilhar, e andou até a água lhe chegar aos ombros, calafrios soltavam-se da respiração. Depois deixou-o ir. Era tudo por que esperavam, nos tempos em que tinham esperanças. Ele desceu. Assentou. Talvez ficasse emparedado no saco durante semanas. Foi uma surpresa. Adorou a água fria e adorou-a mais à medida que ela lhe devorava o saco até deixar de o ser, até ele deixar de ser, e sem uma forma clara de o dizer, lentamente tornou-se o lago, espriando-se nas mais demoradas e serenas vagas. Tão devagar. Ele não podia dizer por onde estivera, ou o que fora. Mas quando veio o gelo, ele foi gelo e ao mesmo tempo via através do seu teto cinza, e via mais cinza. Veio então a neve, branca empoeirada, como nuvens, adensou-se e ele esteve em toda a parte sob um negro manto, movediço, quando nada se movia. Quando o sol de verão chegou, estava ele nos peixes e os peixes estavam nele, quando os lírios se ergueram, erguiam-se também nas veias dele, e quando desabrocharam brancos e maculados, ele estava nas suas gargantas, e soltavam uma espécie de canto quebrado. Quando as estrelas vagueavam no alto, as rãs rugiam. E depois houve uma espécie de riso. Isto é tudo uma maneira de falar quando na verdade não há fala possível. Ele não sabia onde estavam os outros, mas seria errado pensar que alguma coisa estava na mesma, que havia desejos ou sentimentos, ou mesmo *outros*. Passado um tempo *tudo e nada* eram apenas sons que os vivos faziam, mal os conhecia. Se houvesse discurso, diria apenas uma coisa: o vosso reino sobre o olho vidrado desta água silenciosa é apenas um sonho. Este outro lugar, esta eternidade, este esquecimento — este para sempre, foi o único mundo.

1N.T - No texto de partida a palavra é *morning*, praticamente homófona de *mourning*, que significa luto.

— *Three*

— *Três*

BLACK NOTEBOOK #7, DESERT QUEEN MOTEL

Was it death he fell out of then, that long nothing before life, that emptiness broken as with a ripple on a tear, one divisor in all that eternity—how sometimes raving he thought he came here by a tortuous shift of his own will and not purely some unbidden and random desire on the part of others before him? And now, to not make a sound—that is, to not issue voice from his body. He went out on the black highway to the little sagging store. Roiling heat. He bought some things for the room—whisky, bread, jam, peanut butter, sliced meats. He did not have to say those words, but to exchange pleasantries with the gold-haired watchful woman at the checkstand, how nice the day was, and thank you. One hundred and four degrees in these particular latitudes of the ether. The desert red as iron. There was no room for error. The crucible. the mortar, the forge. Everywhere was cruelty and judgment. Nothing would last. Hard edges. Slag and ivory, down the walled canyon into the crusts, the old stamp mills and shafts, their timbers muscular even in their desiccation and ruin, their mordant lagging into the earth, and by them yet ran the dry washes, undulate, mounding, cleft and open among towering stone. Back in the room he could work at the table with his shirt off. He could lie on the bed naked. A box of books. A box of paper. Then days and days without speech, without presence, except those voices on the page, which rose from nothing, in uncivil announcements. The ascent into a kind of madness which he loved and which love he had learned to dread. The endless work, which was a lie, for it would end. Picture the Elohim meeting at a long table, so mysterious there is no way to speak of them in his present language. Here where there should be only nothing. Not angels but the same of the angels' swords. Splendor and disaster. The withholding towers of cloud, pendulous and always distant, the nights sheared by the wheel-saw of the zodiac. Black constellations in his own eyes that he had not noticed before, hours during which all the machines stroked and shuddered and the lamps quailed. That afternoon his path was blocked by a rattlesnake coiled plentifully in the glare of the sun. He sat simply, closely, and let the precision of its markings hold him still. Then later repeating again at the table, *this is life, I have fallen here from death, here, into a place where there should be nothing*. Somewhere along the narrow hallway of doors a man and a woman argued in Spanish. Long into the night. The woman wept. Keened. Wailed. They became a fountain of broken syllables. His own wails, the heat breathing from them, the sweet ends of bread, the rinds of cheese. At some point he would break open. Then he would let everything in.

CADERNO PRETO #7, *DESERT QUEEN MOTEL*

Terá sido da morte que caiu então, o longo vácuo antes da vida,
o vazio quebrado como uma onda numa lágrima, uma divisória
em toda aquela eternidade - como por vezes, em delírio, pensou que cá
chegara pela tortuosa viragem da sua própria vontade e não pelo puro,
aleatório e espontâneo desejo de outros antes dele?
E agora, fazer som nenhum, isto é, não emitir voz do seu
corpo. Saiu para a negra auto-estrada até à pequena loja em declínio.
Um calor exacerbante. Comprou coisas para o quarto - *whisky*,
pão, compota, manteiga de amendoim, carnes fatiadas. Não tinha de dizer
aquelas palavras, apenas trocar pequenas delicadezas com a atenta
senhora dos cabelos dourados da caixa, como estava bom o dia,
e obrigado. Quarenta graus nestas singulares latitudes do éter. O deserto
vermelho como ferro. Não havia margem de erro. O cadinho, a argamassa,
a forja. Crueldade e juízos por todo lado. Nada iria durar. Arestas severas.
Escória e marfim, pelo desfiladeiro abaixo até à crosta terrestre.
Os moinhos e fustes como nos selos antigos, musculadas traves de madeira,
ainda que em plena dissecação e ruína, o seu mordente atrasando-as para
dentro da terra, e ainda assim as secas arruelas ao pé corriam, ondulantes,
empilhando, fraturadas e abertas entre torres de pedras. De volta ao quarto
ele podia trabalhar à mesa sem camisa. Podia deitar-se nu na cama. Uma caixa
de livros. Uma caixa de papel. E dias e dias sem palavra, sem presença,
exceto aquelas vozes na página, que emergiam do nada, com anúncios in-
delicados. A ascendência até uma espécie de loucura que
amava e cujo amor ele tinha aprendido a temer. O trabalho interminável,
que era mentira, pois terminaria. Imaginem uma reunião dos *Elohim* numa
mesa comprida, tão misteriosos que é impossível falar deles
na linguagem que ele conhece. Aqui onde deveria haver somente nada.
Sem anjos mas apenas a chama das suas espadas. Esplendor
e desastre. As retentoras torres de nuvens pendentes e sempre
distantes, as noites cortadas pela serra circular do zodíaco. Negras
constelações nos seus próprios olhos que jamais havia notado, horas
durante as quais todas as máquinas batiam e trepidavam e as lâmpadas
vacilavam. Naquela tarde fui barrado no caminho por uma imensa
espiral de uma cascavel debaixo do sol estridente. Sentou-se simplesmente, perto,
e deixou que a precisão dos seus marcos o segurassem. Depois mais tarde
repetindo outra vez à mesa, *isto é a vida, caí para aqui da morte,*
aqui, um sítio onde deveria haver somente nada. Algures
no estreito corredor com portas um homem e uma mulher discutiam
em espanhol. Pela longa noite adentro. A mulher chorava. Lamentava. Gemia.
Transformavam-se ambos numa fonte de sílabas partidas. Os lamentos que eram também dele,
o calor que deles se exalava, as doces pontas do pão, as cascas do queijo.
A dada altura ele abrir-se-ia. E então deixaria tudo entrar.

SEPTEMBER 10TH – BLACKNOTEBOOK, UNNUMBERED

I was sitting up on the graves in Provincetown, my back against the old *Gaspar* stone, and I could feel my grandfather angry and restless and hating to be dead. He wanted to laugh and walk along the wharves and streets and be greeted and hailed and loved, and drink cheap wine again. I should have brought that *other* stone with me, the black lava rock from Pico Azores that I plucked from the beach outside of what is maybe the little village that all the old ones harbored from, how I could push it into the sandy earth and cover it over and something at last would be *done*. One day I will bear it here. Another day I will fall here like blown dust. I took a bottle of green wine and opened it and poured some out and let it sink into the ground. Then I drank some, and then I poured some more on the graves, like that, back and forth, and I talked out loud to the dead, some going back so far I knew almost nothing about them but had only the gravure on the weathered granite to steer by. Sometimes to get to the new Eden you have to step on the head of the dragon. That much was written somewhere. All these gardens and forests of death. So beautiful in the light. Light everywhere and the old stones gleaming over the burying fields, white and gray, little tufts of spiky grass nestled here and there. What is the moral order of stone that it has so much to do with how love never knows where its limits are or when to stop in this world with all its perennial Gomorrahs and Jerusalems wedged flagless in the heart? Your heart and mine. Do you dream? Do you ever hear the sea? Are you broken? Are you whole and upright? The women here love God every day in their long garments, and lean over the white fences eternally and whisper to one another. The men are all hoarse and sinewy and hard at work. Somewhere in the Atlantic of mysteries it is snowing, and they are in the boat, long and narrow, heaving and shouting at the oars. The distance closes, they are making way. When I hear them, I *hear* them, but I don't know all the words. The snow aslant, the ocean fierce and peaked and black. Yet there are no impediments to their perpetual coming. By one oarlock, an empty space on the thwart. Laid along the freeboard a single clean oar. One day I will bruise my head. Another day I will bruise my heel.

10 DE SETEMBRO – CADERNO PRETO, SEM NÚMERO

Estava sentado nas campas de Provincetown, as minhas costas contra a velha lápide dos Gaspar, e sentia o meu avô irado e inquieto e a detestar estar morto. Ele queria rir e andar pelos cais e pelas ruas e ser cumprimentado e saudado e amado, e beber vinho barato outra vez. Devia ter trazido aquela *outra* pedra comigo, a rocha negra de lava do Pico dos Açores que colhi na praia ao largo daquela que talvez seja a pequena aldeia de onde zarparam todos os antigos, como a podia enfiar dentro da terra arenosa e cobri-la e por fim alguma coisa seria *feita*. Um dia hei-de trazê-la até aqui. Num outro dia hei-de cair aqui num sopro de pó. Peguei numa garrafa de vinho verde e abri-a e derramei um bocado de vinho e deixei-o afundar no chão. Depois bebi um pouco, e depois derramei mais um bocado nas campas, assim, para trás e para a frente, e falei alto com os mortos, alguns há tanto tempo que pouco sabia sobre eles, só tinha a gravura no granito gasto pelo tempo para me guiar. Às vezes para chegar ao novo Éden é preciso pisar a cabeça do dragão. Esta parte vem escrita nalgum lado. Todos estes jardins e florestas da morte. Tão bonitos à luz. Luz por todo o lado e as velhas lápides a luzir sobre os campos de enterro, brancas e cinza, pequenos tufos de relva espetada que se aninhavam aqui e ali. Qual é o sentido moral da pedra que tem tanto que ver com o amor, que nunca sabe quais são os seus limites ou quando deve parar neste mundo com todas as suas eternas Gomorras e Jerusaléns cravadas sem bandeiras no coração? O teu coração e o meu. Sonhas? Alguma vez ouves o mar? Estás partido? Estás inteiro e direito? Aqui as mulheres amam Deus todos os dias nas suas longas vestes, e debruçam-se eternamente sobre as cercas brancas e sussurram umas para as outras. Os homens são roucos e tendinosos e trabalham no duro. Neva algures no Atlântico dos mistérios, e eles no barco, comprido e estreito, elevando-se e gritando para os remos. Cerca-se a distância, estão a abrir caminho. Quando os ouço, *ouço-os*, mas não conheço todas as palavras. A neve de través, o mar feroz e picado e negro. Ainda assim nada impede a sua perpétua chegada. Por um tolete, um espaço vazio no assento. Apenas um único e simples remo deitado ao longo do casco. Um dia hei-de ferir a cabeça. Noutra dia o calcanhar.

